



O Discipulado como método de Evangelização um paralelo entre a Igreja das origens e a Igreja atual

Julio César Fontoura

O fato de fazermos profissão de fé nele ainda não significa que sejamos seus discípulos. (Ernst Käsemann).

O primeiro século da história da Igreja não foi um período muito diferente da era em que vivemos. A mensagem da Igreja Primitiva não se processou unicamente de forma verbal. Apesar de ser uma instituição imperfeita, com compreensão limitada das implicações da Palavra de Deus para a missão que tinha sido encomendada, a Igreja comunicou ao mundo de sua época um estilo de vida radicalmente diferente. Vivendo e crescendo como um corpo íntegro, a Igreja se submeteu às ordens do seu Senhor. Fazendo uso de métodos flexíveis e adequados às oportunidades que surgiam, embora sem depender deles, este pequeno número de homens e mulheres, conseguiu no curto prazo de uma geração levar o evangelho a todo o mundo conhecido.ⁱ

A Igreja de hoje é diferente da apresentada nos primeiros séculos. Cada membro, cada órgão, atua segundo seus próprios critérios, sem relação com o resto do corpo. Tristemente despedaçada, a Igreja se comporta timidamente frente aos urgentes problemas do mundo. Perdeu muito da sua autoridade e vive das glórias do passado, procurando impor sua influência através dos jogos políticos.ⁱⁱ Desiludida face ao seu pequeno crescimento e impotente perante os complexos problemas que enfrenta em um mundo em desintegração – outras vezes triunfalista, orgulhosa de seu ativismo e do seu crescimento numérico ambíguo – a comunidade que Jesus Cristo estabeleceu para continuar sua missão na terra tem procurado várias soluções. Separada do mundo em que vive, dedica a maior parte de suas energias e recursos na defesa de seus próprios interesses e instituições. Desorientada, a Igreja, ora recorre a quantos novos métodos acha, ora se deixa seduzir por "evangelhos" estranhos, ora se lança à procura de



soluções extremas. Muitas vezes a Igreja vive num gueto, ignorante das angústias do mundo e não percebe que a falta de pertinência de sua mensagem tem fechado os corações de muitos à verdade do evangelho.ⁱⁱⁱ

Guilherme Cook observa que quando, no meio de nosso ativismo, paramos para pensar, perguntamo-nos o porquê da discrepância tão evidente entre a igreja dinâmica do livro de Atos com seu crescimento e a triste realidade na qual muitos de nós vivemos. Notamos também a apatia dos membros de nossas igrejas, quando seus líderes impelidos por programas denominacionais em cujo planejamento provavelmente não participam, os instam a evangelizar. E quando os pastores são motivados a participar de um novo programa ou de um método recém-elaborado, com promessas de êxito garantido, se perguntam por que devem tentá-lo, quando nenhum método ou programa até agora obteve uma transformação permanente na vida de nossas igrejas.^{iv}

A evangelização muito freqüentemente aparece como atividade esporádica tanto desligada da vida normal de muitas igrejas como mais uma das mais muitas coisas boas que a igreja deve fazer. Centraliza-se em especialistas, pastores, evangelistas e missionários. Gasta-se muito tempo e dinheiro em esforços evangelísticos, inclusive usando poderosos satélites. Com freqüência os resultados são escassos se os medirmos não apenas em termos de novos membros nas igrejas, mas também pelo seu efeito na sociedade. Ainda que muitas igrejas cresçam numericamente, freqüentemente falta nelas o mesmo grau de crescimento na compreensão de suas implicações finais da Palavra de Deus para seu estilo de vida, estrutura, proclamação, enfim, para a missão integral de Deus no mundo.^v

Os problemas que mencionamos acima serão resolvidos apenas com o reestabelecimento do discipulado – aquele instituído por Jesus e praticado pelos primeiros cristãos. Não há outro meio pelo qual atingiremos a maturidade espiritual e religiosa a qual Jesus tanto almejou que seus contemporâneos judeus chegassem. Na verdade, não deveríamos estar almejando atingir a maturidade religiosa e espiritual dos primeiros cristãos, deveríamos sim, buscar superá-los, pois estamos olhando a cruz de uma distância maior do que eles, portanto, possuímos uma visão bem mais nítida de todo o



processo ocorrido no século I do que os primeiros cristãos. Eles estavam muito próximos ao evento para que pudesse realmente visualizar a cruz sem que perdessem o foco.

O discipulado é a única forma de relacionamento que existe entre o cristão e Cristo.

A retórica religiosa do cristianismo moderno, na maioria das vezes, nos leva a usar a palavra "discípulo" de forma um tanto vaga. No esforço de se mostrar pertinente, a oratória de púlpito e os devaneios teológicos tendem a empregar o termo "discípulo" em tantos significados ou em sentidos tão amplos quanto possível. Lucas, em Atos dos Apóstolos, estende o uso do termo "discípulo" a todos os cristãos de seu tempo. Os evangelhos, no entanto, restringem-se a usar o termo somente àqueles que realmente seguiram^{vi} Jesus durante o seu ministério público.

Uma pergunta fica latente: O que é ser um discípulo? Houaiss define discípulo como "aprendiz, aluno; aluno disposto a continuar o trabalho do seu mestre; seguidor de um ideal".^{vii} Ser um discípulo não é uma questão tão simples como a princípio possa parecer. Nós cristãos não podemos dizer apenas que "discipulo" significa "estudante" ou "aluno" e encerrar o assunto. O discipulado é uma instituição de suma importância para o ministério público de Jesus. Sem o discipulado talvez hoje não teríamos o cristianismo como uma religião de proporções universais, pois, foi essa forma de relação entre os cristãos e o seu Senhor – de total exigência – que fez com que a mensagem de Jesus alcançasse as pessoas e os lugares mais distantes do mundo antigo. Será que sem essa forma de relação tão intensa e exigente, o cristianismo, em menos de três séculos, teria se tornado a religião oficial do império romano? Será que por exigir tanto de seus membros (dedicação exclusiva) é que o cristianismo se expandiu tão rapidamente?

Essas questões são importantes a fim de que façamos um paralelo entre a situação da Igreja dos primórdios e a Igreja de hoje. Através da comparação entre as situações dessas duas Igrejas poderemos constatar as falhas e as deficiências existentes na igreja



a qual frequentamos. Apresentaremos, também soluções baseadas no modelo utilizado pelos primeiros cristãos e por Jesus.

1. O uso do termo “discípulo”

O termo "discípulo" aparece 72 vezes em Mateus, 46 em Marcos, 37 em Lucas e 78 em João. Em contraste, com exceção de Atos, com 28 ocorrências – jamais com referência aos discípulos durante o ministério de Jesus – a palavra "discípulos" está ausente do restante do Novo Testamento, não aparecendo nas epístolas de Paulo, nas outras epístolas do Novo Testamento, na epístola aos Hebreus e no livro de Apocalipse. "Discípulos" não era a forma usual de os cristãos da primeira ou segunda gerações falarem entre si ou a respeito dos outros. Portanto, o termo "discípulos" nos Evangelhos não deve ser explicado como uma retroprojeção anacrônica^{viii} da forma de falar dos membros da igreja primitiva para o tempo do ministério público de Jesus. O critério da descontinuidade^{ix} também se verifica nesse caso. Meier comenta que esse julgamento é corroborado pela total ausência ou rara ocorrência da palavra "discípulo" em grande parte dos mais antigos escritos cristãos fora do Novo Testamento (pais apostólicos).^x

A palavra discípulo também não aparece em toda a Septuaginta, bem como nos deutero-canônicos e nos pseudepígrafos. John P. Meier observa que "o Antigo Testamento em grego não contém a palavra-chave (*mathētēs*) usada no século I a.D. para designar os discípulos de Jesus, da mesma forma que as Escrituras judaicas em hebraico e aramaico quase não apresentam a palavra-chave (*talmîd*) usada pelo menos a partir do século II a.D. como termo técnico para designar os discípulos dos rabinos^{xi}".

Somente em Fílon (c.a. 25 a.C – 50 a.D.) é que encontramos um autor judeu, escrevendo em grego, e que usa *mathētēs* em suas obras. Embora Fílon por vezes (14 ocorrências em toda a sua obra literária – 12 volumes) use a palavra no sentido geral de um estudante, ou alguém que recebe instrução de um professor, é típico seu emprego de *mathētēs* dentro do contexto de sua concepção mística sobre a pessoa "perfeita" que recebe ensinamentos diretamente de Deus^{xii}.



Flávio Josefo (c.a. 37 – 100 a.D) a exemplo de Fílon, também utiliza pouco o termo *mathētēs* (15 ocorrências em toda a sua obra literária – 10 volumes). Em Josefo a palavra tem o sentido geral de alguém que aprende com o exemplo do outro (Ant. 1.11.3 § 200). Mais importante, Josefo usa *mathētēs* para descrever várias figuras do Antigo Testamento, colocadas em uma relação mestre-discípulo. Meier comenta que "é revelador que o mais próximo paralelo judaico do século I que conseguimos encontrar para o uso de *mathētēs* nos Evangelhos com relação aos discípulos de Jesus venha dos escritos de Josefo, um judeu culto da Palestina que acabou imerso na cultura grego-romana, embora asseverasse (pelo menos já no fim da vida) ter sido um fariseu.^{xiii}

Wilkins^{xiv} sustenta que no grego clássico é possível distinguir os seguintes significados de *mathētēs*: (1) Uso geral inicial: "aprendiz", "estudante diligente da matéria sob consideração"; (2) Uso técnico, com um sentido de dependência direta de uma autoridade superior: (3) Uso técnico não específico: "adepto", alguém que adota o modo de vida de um meio cultural e (4) Sentido técnico-especializado: "aluno institucional".

Apesar de esses significados se terem mantido no mundo helênico, ocorreu uma tendência de se usar *mathētēs* sobretudo no sentido de adepto de um filósofo, de um grande pensador do passado, ou de uma figura religiosa. Pode-se perceber que, para os primeiros cristãos de fala grega, *mathētēs* se adaptaria naturalmente aos devotados adeptos do grande mestre, Jesus.

O termo *talmîd* que, brevemente seria o termo técnico para um estudante da Torá entre os rabinos, também não ocorre nos escritos não-bíblicos descobertos em Qumran. Isso é estranho em vista da grande quantidade de escribas em atividade em Qumran e do intenso estudo das Escrituras. Mais estranho ainda é que, a ausência no hebraico e aramaico é acompanhada da ausência no grego, ou seja, nos registros pseudepígrafos que, como sabemos, são manuscritos datados entre o século II a.C. e o século I a.D.

Podemos concluir também que ao que parece o uso maciço de *mathētēs* para os discípulos de Jesus nos quatro Evangelhos não seria nem uma projeção de um emprego encontrado no Antigo Testamento (massorético ou Septuaginta), na literatura



intertestamental ou de Qumran, nem uma retroprojeção da designação usada comumente para crentes cristãos no século I a.D.

Paralelos de Relacionamentos Mestre-Discípulo

Depois de estudar as grandes escolas do período grego-romano, R. Alan Culpepper^{xv} tenta isolar nove características das várias escolas que analisou:

1. Ênfase na amizade ou no companheirismo entre os discípulos.
2. Origens em um fundador reverenciado como sábio exemplar.
3. Ensinos e tradições do fundador prezados pelos discípulos.
4. Participação na escola, participação baseada na condição de discípulo do fundador.
5. Atividades comuns, tais como ensino, aprendizado, estudo e escrita.
6. Refeições comunais.
7. Regras práticas relativas à admissão, à permanência e à progressão na escola.
8. Algum grau de distância da sociedade.
9. Meios organizacionais de assegurar a existência continuada da escola.

Em seguida compará-las com a "escola" de Jesus e conclui que "a exigência absoluta deste, como condição para o discipulado, é a única nas antigas tradições escolásticas; em nenhuma outra tradição a exigência de compromisso é levada a um nível comparável".^{xvi} Porém, Culpepper observa certo paradoxo na "escola" de Jesus, construída sobre as exigências tão cruéis. Muitas vezes, um grupo vivendo um etos radical em torno de um líder carismático pode ter limites rígidos, apartando-o dos que levam uma vida menos radical. No mundo antigo, tais limites eram em geral mais claras nas refeições comunitárias conduzidas por algum grupo religioso ou filosófico especial. Essas refeições representavam a camaradagem íntima e a vida compartilhada; por isso, eram com frequência vedadas a forasteiros. Era esse o caso, ao que parece, dos fariseus por volta do tempo de Jesus. Tanto nas refeições como na vida diária, Qumran levava ao



extremo a separação exigida pela regras judaicas de pureza, criando uma comunidade em forma de seita na margem noroeste do mar Morto.

Tanto mais surpreendente, portanto, é uma prática característica de Jesus e seus discípulos (junto com os que o apoiavam sem deixar suas casas), a saber, a confraternização à mesa aberta a forasteiros, mesmo aos desprezíveis publicanos e pecadores. Comenta Meier que é justamente nesse ponto que Culpepper vê mais uma extraordinária diferença em relação às outras escolas da antigüidade, várias das quais também realizavam refeições comunais, mas apenas dentro do grupo. Destarte, contemplamos mais uma característica básica de um verdadeiro discípulo de Jesus: ele não exclui os que são marginalizados pela sociedade, pelo contrário, os trazem para a comunhão à mesa.

Ao longo de todo o período greco-romano, várias figuras filosóficas e religiosas reuniram ao seu redor pessoas que poderiam ser classificadas como seguidores, partidários, estudantes ou discípulos. Tais públicos receptivos sorviam e cultivavam os ensinamentos de seu líder, iniciando assim a formação de várias tradições intelectuais ou religiosas, que eram então passadas de geração em geração. Algumas dessas "escolas" podem ser citadas: pitagóricos, platônicos, aristotélicos, epicuristas, estóicos, "escola de Qumran", "casa de Hilel", "escola de Fílon".

Não apenas as condições socioeconômicas, políticas e intelectuais de uma sociedade em particular, mas também o talento e impacto pessoal do grande mestre fundador moldavam a "escola" em contornos específicos. Como figura religiosa no período grego-romano, não é surpresa que Jesus tivesse algumas semelhanças com outros mestres filosóficos ou religiosos de seu tempo, notadamente no tocante a seu desejo de cercar-se de seguidores ou estudantes. Todavia, também não podemos ignorar as características distintivas dos discípulos reunidos em torno do Jesus histórico^{xvii}.

A forma de relação mestre-discípulo mais próxima da instituída por Jesus é encontrada no Antigo Testamento. Não é por não aparecer o termo *talmîd* que não possuímos a relação mestre-discípulo figurada no Antigo Testamento. WilKins assinala apropriadamente que a realidade social de um relacionamento mestre-discipulado vai



muito além do limitado vocabulário sobre o discipulado no Antigo Testamento^{xviii}. Notamos que *talmîd* ocorre apenas em 1 Cr 25.8 referindo-se a um músico aprendiz estudando seu ofício. O adjetivo e substantivo verbal *limmûd* ("instruído", "habitado" e, como substantivo, "discípulo") ocorre seis vezes no Antigo Testamento, sempre na literatura profética. Otto Kaiser observa que "meus discípulos" em Is 8.16 se refere aos discípulos reunidos em torno do profeta Isaías, discípulos que ouvem e testemunham suas profecias^{xix}. Além da mera terminologia, a realidade social do relacionamento mestre-discípulo em Israel existia sob várias formas em círculos de profetas, escribas e sábios.

Devemos ressaltar também que havia muita semelhança entre Jesus e os rabinos judeus posteriores e seus discípulos. Shaye Cohen observa que "os discípulos dos rabinos do século II a.D. tinham muitas características em comum com os discípulos de Jesus. Os discípulos dos rabinos, como os de Jesus, estavam sempre com seu mestre". Cohen indica também a diferença vital entre Jesus e os rabinos, diz ele: "Jesus não era apenas um professor (...) era também um profeta e fazia curas, e as tradições a seu respeito claramente se originam em parte do relato bíblico sobre Elias e seu discípulo Eliseu. Em contraste, os rabinos do século II não afirmavam ser homens santos ou taumaturgos (...)""^{xx}.

Cohen, corretamente, aponta para Elias e Eliseu, pois essa relação é a que mais se parece com aquela mantida entre Jesus e seus discípulos. Elias, como sabemos, entre os profetas do Antigo Testamento é apresentado como (1) Um profeta e taumaturgo itinerante, atuando no Norte de Israel e (2) que faz um chamado peremptório a outro indivíduo (Eliseu) para abandonar casa, família e o trabalho comum para segui-lo, servi-lo e, por fim, suceder-lhe no ministério do profeta.

Josefo, por exemplo, em sua autobiografia (Vida de Josefo, 2 §11,12) nos fornece algumas informações sobre as formas de discipulados os quais ele se submeteu durante a sua vida. Ele conta que por volta dos 16 anos de idade (c.a. 53-54 a.D.), ele decidiu sozinho adquirir algum conhecimento sobre os principais movimentos religiosos existentes no judaísmo da Palestina de seu tempo: os fariseus, os saduceus e os essênios. Além de experimentar cada um desses movimentos sucessivamente, ele ouviu falar de um asceta



solitário judeu chamado *Bannus*, que praticava abluções rituais no deserto. Aparentemente por sua própria iniciativa, Josefo veio a ser seguidor zeloso e viveu com ele durante três anos. Por fim retornou a Jerusalém com a idade de 19 anos e começou a viver como fariseu. Todavia, pode se dizer que, nenhuma dessas formas de "discipulado" é semelhantes àquela vista entre Jesus e seus discípulos.

Os Discípulos de João Batista

7

Marcos, Q, a tradição especial de Lucas, João e Josefo, afirmam que João Batista tinha discípulos. Entretanto, existem algumas diferenças entre o discipulado de Jesus e o "discipulado"^{xxi} do Batista. Primeiro; João não exigiu nenhum tipo de discipulado. João, ao contrário de Jesus, não "chamava" os indivíduos diretamente para serem seus discípulos, nem exigia que vivessem por um período prolongado em um círculo ao seu redor. Segundo; a ampla maioria dos que eram batizados, retornavam aos seus lares e mesmo aqueles que optavam em permanecer ali algum tempo poderiam abandonar o grupo quando lhes aprouvesse. Os seguidores de João não compartilhavam dos momentos mais íntimos de João, ou seja, não havia um ensino integral, tanto por atos quanto por palavras.

Pelos dados que foram mostrados acima, conclui-se que, antes da vida de Jesus, não encontramos nenhum autor judeu que fale de discípulos ao menos de forma semelhante aos que Jesus reúne em torno de si.^{xxii} Se o discipulado de Jesus é totalmente sem paralelos no mundo grego-romano contemporâneo a ele e a relação análoga mais próxima, aquela mantida entre Elias-Eliseu, não reflete todos os aspectos do discipulado de Jesus, então pergunta-se: "Quais eram os traços distintivos que definiam uma pessoa como discípulo de Jesus no sentido estrito?"

Quem pode ser discípulo de Jesus?



Com sua mensagem Jesus dirige-se ao público, ao povo em geral. Mas para ele o estar voltado para o povo ainda não era o bastante. Nos Evangelhos vemos um grupo de pessoas que lhe eram mais próximas. Esse fato é esclarecedor para conhecermos sua personalidade, pois mostra que ele queria estar perto das pessoas, que não queria percorrer seu caminho como um grande solitário.

Na Igreja de hoje, Jesus se encontra mais solitário do que nunca. Muitos estão na multidão apenas como meros espectadores atônitos. Não estamos sendo mais aquele grupo mais íntimo de Jesus, estamos afastados. Para haver aproximação só pelo discipulado isso é possível. A pergunta chave é: Quantos estão dispostos a ser discípulos de Jesus?

Veremos quais são as exigências do discipulado afim de que possamos "calcular o preço" (Lc 14.28) e decidir qual atitude tomaremos.

O Chamado ao discipulado

Somente Jesus pode chamar ao discipulado. Uma das características mais evidentes no discipulado de Jesus é o fato de ele próprio chamar seus discípulos – esse é um direito exclusivo e personalíssimo de Jesus.^{xxiii} Analisando os casos paralelos de relação mestre-discípulo do mundo greco-romano, bem como no próprio judaísmo, não presenciamos nenhum caso similar ao discipulado de Jesus, onde o mestre escolhe seu próprio aluno. Sócrates, por exemplo, ia por toda parte persuadindo a todos (Apologia, XVI), Josefo que escolhe seus mestres e a quem seguir (Vida de Josefo, 2 §11,12), e João Batista jamais exigiu um discipulado. Joachim Gnilka observa que o fato de Jesus mesmo tomar a iniciativa de chamar seu discípulo, faz com que sua forma de discipulado se distancie das praticadas pelos rabinos. A relação mestre-discípulo entre os rabinos judeus, diz Gnilka, o discípulo quem escolhia seu mestre, por via de regra aquele quem esperava aprender mais, podendo também passar para outro, e como Jesus se deixa associar à idéia profética do seguimento. Não é porque Jesus fosse um rabino



conhecido que o seguimento se inicia e se torna possível, mas porque ele chama na plenitude do seu poder carismático. O caráter único deste seguimento se expressa em que no caso de Elias não é o profeta quem chama, mas em última análise é Deus, o que é representado pelo ato simbólico de lançar o manto sobre quem é chamado (cf. 1 Rs 19.19-21). Em Jesus falta um símbolo deste tipo. Ele chama por sua palavra.^{xxiv}

John Meier observou que em várias fontes diferentes dos Evangelhos, Jesus sempre toma iniciativa de chamar as pessoas para segui-lo. O chamado de Jesus é peremptório (decisivo), dirigido a pessoas que não tomaram a iniciativa de pedir para segui-lo. O ser humano que foi chamado, larga tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir os passos de Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor. Uma vez chamada para fora, a pessoa tem que abandonar a existência anterior; tem que simplesmente "existir" no sentido rigoroso da palavra. O que é velho fica para trás, totalmente abandonado. O discípulo é arrancado de sua relativa segurança de vida e lançado à incerteza completa; de uma situação previsível e calculável para dentro do imprevisível e fortuito; do domínio das possibilidades finitas para o domínio das possibilidades infinitas^{xxv}.

O melhor exemplo de chamado ao discipulado é aquele onde Jesus comissiona Mateus para ser seu discípulo. Jesus viu Mateus sentado diante da mesa dos impostos e disse-lhe: "Segue-me". Mateus se levantou e o seguiu. Esse chamado é muito semelhante com os comissionamentos dos profetas do Antigo Testamento (cf. Gen 22.1; Êx 3.4; 1 Sm 3.4; Is 6.8; Jr 1.4,5; Ez 2.1-8; Os 1.2; Am 7.15; Jn 1.1,2). A resposta dos chamados não foi outra que essa: "Eis-me aqui" (Gen 22.1; Êx 3.4; 1 Sm 3.4,6,8).

Existe uma situação em Q onde um homem declara a Jesus que irá segui-lo, entretanto, Jesus lhe mostra que a condição de que, ser um de seus seguidores não é uma atividade gloriosa. O entusiasmo suscitado pelo ensinamento e pelos milagres não deve iludir, pois o seguimento de Jesus é exigente. Em suma: a resposta de Jesus chama a atenção do entusiasta para o fato de que este não sabe o que faz.



Q

EvT

Quando Jesus viu a multidão ao seu redor, deu ordens para que atravessassem para o outro lado do mar. Então, um mestre da lei aproximou-se e disse: "Mestre, eu te seguirei por onde quer que fores". Jesus respondeu: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça" (Mt 8.18-20^{xxvi}).

Quando andavam pelo caminho, um homem lhe disse: "Eu te seguirei por onde quer que fores". Jesus respondeu: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9.57,58).

Disse Jesus: "As raposas tem suas tocas, e os pássaros tem seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde recostar a cabeça e descansar" (Iógiun 86).

Outro detalhe nessa passagem que o homem oferece-se, ele próprio, para seguir a Jesus, ou seja, não foi chamado. Observa Bonhoeffer que ninguém pode chamar-se a si próprio. O abismo entre a oferta espontânea ao discipulado e o verdadeiro discipulado continua aberto^{xxvii}.

Marcos, Q e L e João nos proporcionam uma adequada múltipla confirmação de um elemento básico do discipulado: **para tornar-se um discípulo de Jesus, é preciso partir deste a iniciativa de emitir uma ordem imperativa para segui-lo**. Meier observa



que o hábito de Jesus tomar a iniciativa e chamar discípulos para segui-lo em sentido literal não era exclusivo dele entre os mestres judeus na Palestina do século I a.D, entretanto, pode-se afirmar que o modo de Jesus conquistar discípulos parece ter sido incomum, se não único, no judaísmo da Palestina do seu tempo.

O CHAMADO SEM OPOSIÇÃO

"Soa o chamado, e imediatamente segue o ato obediente da pessoa que foi chamada. A resposta do discípulo não é uma confissão oral da fé em Jesus, mas sim um ato de obediência" (Dietrich Bonhoeffer).

O chamado de Jesus não admite oposição nem demora, sejam quais forem as circunstâncias. O ser humano que foi chamado largou tudo quanto tem, não para fazer algo que tenha valor especial, mas simplesmente por causa daquele chamado, porque, de outro modo, não pode seguir os passos de Jesus. A esse ato não se atribui o menor valor^{xxviii}. Seguir Jesus não possuía valor nenhum perante a sociedade israelita, pelo contrário, seus discípulos eram vistos com olhos da desconfiança e sempre eram repelidos de qualquer convívio social.

Mas voltando ao cerne desse item, o chamado ao discipulado não admite demora em razão do reino de Deus estar próximo (cf. Mt 10.7).

A tradição Q nos mostra essa característica do chamado de Jesus em Mt 8.21,22//Lc 9.59,60.

Mateus	Lucas
Outro discípulo lhe disse: "Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai". Mas Jesus lhe disse: "Siga-me, e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos" (Mt	A outro disse: "Siga-me". Mas o homem respondeu: "Senhor deixa-me ir primeiro sepultar meu pai". Jesus lhe disse: "Deixe que os mortos sepultem seus próprios



8.21.22).

mortos; você, porém, vá e proclame o Reino de Deus" (Lc 9.59,60).

Notamos que, muito por alto, a objeção lembra a vocação de Eliseu, só que lá tratava-se unicamente de despedir-se de pessoas vivas (1 Rs 19.20, compare com Lc 9.61s.). Mesmo assim podemos considerar esse dito^{xxix} como totalmente descontínuo, não só ao mundo judeu, bem como a todo mundo greco-romano. Essa exigência, "deixe que os mortos sepultem seus mortos" não aparece de novo no Novo Testamento e não é apresentada como obrigação imposta aos cristãos no restante da literatura cristã primitiva. Meier comenta que esse dito é chocantemente descontínuo com a moralidade fundamental tão cara tanto a judeus como a cristãos (ver Gen 35.29; Tb 14.10-13). Tanto Hengel como Sanders, pelo critério da descontinuidade, defendem a autenticidade do lógio. O enterro digno dos mortos por parentes ou amigos próximos [em especial o filho do falecido era uma das mais sagradas obrigações, reconhecida em todo o antigo mundo mediterrâneo. Louvada pela devoção judaica, era uma das mais importantes expressões práticas da obediência ao quarto mandamento do Decálogo ("honra teu pai e tua mãe"). Parece não ter havido rejeição a essa obrigação de um enterro decente nas práticas cristãs primitivas – mesmo quando o morto não era um parente^{xxx}].

Uma tradição de Lucas aborda o mesmo ponto (Lc 9.61,62).

Ainda outro disse: "Vou seguir-te Senhor, mas deixa-me primeiro voltar e despedir-me da minha família". Jesus respondeu: "Ninguém que põe a mão no arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus".

Gnilka expõe uma idéia diferente da que mostramos acima. Ele afirma que o ponto crucial desta palavra aparece com plena nitidez quando se atenta que se está falando aqui de mortos em dois níveis de compreensão diferentes. Uma vez são os fisicamente



mortos, como o pai que o filho deseja sepultar. Da outra são os espiritualmente mortos, que morreram porque não se dispuseram ou não se dispõem para receber a mensagem salvífica de Jesus. Ao avaliar essas duas espécies de morte, para Jesus a segunda é mais grave. Por isso o jovem homem deve fazer o que é mais necessário, e isto sem demora.^{xxxii}

2.2. Seguindo Jesus Fisicamente – abandonando o lar

Seguir Jesus não era uma simples metáfora para absorver e praticar seus ensinamentos. Ele chamava as pessoas para segui-lo literal e fisicamente, enquanto realizava várias jornadas de pregação na Galiléia, na Judéia e em regiões circunvizinhas. Meier observa que "não era possível seguir Jesus simplesmente ficando em casa e estudando seus ensinamentos, ou freqüentando sua escola e assistindo às suas palavras ao estilo Ben Sira. A própria idéia de que tornar-se um aluno significava abandonar laços familiares e posses em nome de um ministério itinerante seria contrária ao etos de Bem Sira, que inculcava em seus estudantes os deveres de um filho para com pai e mãe e recomendava a sábia fruição dos bens de cada um (p. ex. Eclo 3.1-16; 7.27-28; 14.11-16; 31.8-11)^{xxxiii}". Bonhoeffer comenta que "ser discípulo significa dar determinados passos. Já o primeiro passo que segue ao chamado separa o discípulo de sua existência anterior. Assim, o chamado ao discipulado cria imediatamente uma nova situação^{xxxiii}". Permanecer na situação antiga e ser discípulo é impossível^{xxxiv}". Como já vimos, não existe paralelo no mundo greco-romano para essa característica do discipulado de Jesus.

O chamado peremptório de Jesus para que o seguissem ficava aberto não apenas geográfica, mas também temporalmente. Não estabelecia nenhum limite tempo à obrigação de segui-lo. Não havia um programa de estudos que, uma vez completado, liberasse um discípulo do constante acompanhamento a Jesus. Tornar-se seu discípulo não era um compromisso temporário, após o qual a pessoa podia esperar ser promovida à igualdade com Jesus. Isso difere muito do relacionamento normal de um estudante rabínico com seu mestre. O objetivo de um discípulo rabínico, ao se tornar aluno de um



rabino famoso, era aprender a sua sábia e fiel interpretação da Torá, transmitida não só pela instrução oral do mestre (cuidadosamente repetida e memorizada), mas também por sua conduta diária (observada ao participar da vida da família). Em geral, esperava-se que essa vida de discípulo fosse uma etapa transitória. Quando o estudante completasse seu período de instrução da Torá, estaria livre para deixar seu mestre e iniciar sua própria carreira^{xxxv}.

Segundo o Evangelho de Lucas (9.59-62), Jesus chamava discípulos, não para estudar a Torá, mas para experimentar e proclamar o reino de Deus – atividades que aparentemente os prendiam a ele e à sua mensagem por um futuro indeterminado. Voltar atrás daquele chamado – o que seria equivalente a desistir de seguir Jesus – era mostrar-se inapto para o reino. Uma vez que um discípulo atendesse ao chamado, aos olhos de Jesus não era mais livre para "cair fora"^{xxxvi}.

2.3. Riscos de Perigos e Hostilidades

Os custos imediatos de seguir Jesus fisicamente eram óbvios: deixar casa, família a trabalho. Além disso, Jesus aparentemente advertia seus discípulos que hostilidades e perigos poderiam estar reservados a eles no futuro, assim como a ele próprio. Meier comenta que felizmente, quando perguntamos se o Jesus histórico na realidade ensinava a seus seguidores que o discipulado viria ao alto preço de hostilidade e sofrimentos, temos mais do que conjecturas genéricas em que nos basear. A abundante múltipla confirmação de fontes demonstra que Jesus de fato alertou seus discípulos do terrível e possivelmente fatal custo de segui-lo^{xxxvii}.

SALVAR OU PERDER A VIDA

Marcos	Q	João
Pois quem quiser salvar sua	Pois quem quiser salvar a	Aquele que ama a sua vida



vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará (Mc 8.35).	sua vida, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, este a salvará [a encontrará] (Lc 9.24//Mt 16.25).	a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna (Jo 12.25).
--	---	--

Conforme observa Taylor, "poucas palavras de Jesus são tão bem atestadas como essa". Meier conclui que Jesus nessas passagens está falando de salvar ou perder toda a vida ou existência de alguém, e não de "salvar alma"^{xxxviii}. A mensagem basicamente é essa: um discípulo que se agarra egoísta ou covardemente à vida presente como a um bem definitivo perderá o bem definitivo da verdadeira vida no reino de Deus, ao passo que aquele que voluntariamente arrisca (ou na realidade sofre) a perda da vida presente salvará/conservará/achará a vida verdadeira no reino. O discipulado significa a renúncia à antiga vida, com todos os seus laços, seguranças e expectativas, se o discípulo quiser achar ou conservar a nova forma de vida que será possível com o advento do reino de Deus.

Antes de decidirmos dar um primeiro passo em direção ao discipulado, devemos estar conscientes dos custos. Jesus diz isso através de parábolas (cf. Lc 14.28-33). Jesus não queria um compromisso irresponsável que só esperasse receber bençãos, portanto, assim como um construtor estima custos ou um rei avalia forças militares, assim como também cada pessoa deve considerar o que Jesus espera dos seus seguidores. Caso não haja esse reflexão pode ocorrer que o sal perca o sabor, não servindo conseqüentemente para nada (cf. Lc 14.34).

NEGANDO-SE A SI MESMO E TOMANDO A CRUZ

"Ser crucificado é sinônimo de sofrer e morrer rejeitado e repudiado por força da necessidade divina" (Bonhoeffer, Discipulado, p. 44).



Q	Marcos
"E quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim" (Mt 10.38).	"Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mc 8.34 – NVI).
"E aquele que não carrega sua cruz e não me segue não pode ser meu discípulo" (Lc 14.27).	"Se alguém quiser seguir após mim (<i>opisō mou akolouthein</i>), negue-se a si mesmo, tome (<i>aratō</i>) a sua cruz e siga-me" (Mc 8.34 – Meier).

John Paul Meier analisando o dito contido no Evangelho de Marcos observa que a estrutura da fala apresenta um inteligente uso de *inclusio* ("terminar como começou") e de quiasma (um padrão de entrecruzamento A-B-B'-A'). O início e o fim da fala mencionam o objetivo que o futuro discípulo pretende: seguir Jesus. A aparente redundância do verbo "seguir" na realidade é proposital, conduzindo da intenção inicial ("se alguém quiser seguir após mim") à realização do objetivo ("siga-me"). Inseridos entre as duas referências à ação de seguir estão os dois meios ou modos para se chegar ao objetivo.

É preciso "negar-se a si mesmo", "repudiar totalmente os próprios interesses" (*aparnēsasthō heauton*), em outras palavras, dizer "não" a si mesmo e ao próprio ego como norma e objetivo definidos da vida. Intensificando de modo proposital a idéia negativa desse primeiro meio, Jesus acrescenta a chocante e repulsiva imagem de um criminoso condenado, nu, sendo forçado a tomar a trave horizontal de sua própria cruz e carregá-la até o local da execução (onde o braço vertical ficava permanentemente) fixo. Desde o tempo dos Macabeus, e sobretudo sob os governos romanos, a experiência concreta dos inúmeros crucificados que tinham de carregar sua cruz até o lugar do suplício constituía uma experiência infausta e corriqueira. Nenhum símbolo mais horrível e



repulsivo de alguém ter de dar adeus a toda vida (incluindo bens e meios de sustento), a todo um passado (com todos os vínculos familiares) e a todo um futuro (com todos os seus planos e projetos) poderia ser imaginado por um judeu da Palestina no século I, que estava bastante familiarizado com esse tipo de execução. A total perda de controle sobre sua própria vida (na verdade, até sobre as funções corporais em público) se tornava tanto mais apavorante pela vergonha e zombaria que acompanhavam essa morte lenta e dolorosa.^{xxxix}

Seguir Jesus é dizer não a si mesmo como o centro da existência ("negar-se a si mesmo") com uma severidade tão radical, que esse compromisso poderia ser igualado à mais horripilante e humilhante das mortes ("tomar a sua cruz"). Meier comenta que somente quando se aprecia a força desses dois "meios" para o discipulado, colocados entre as duas ocorrências do verbo "seguir", é possível sentir o choque da segunda ocorrência, que representa o clímax, e então exprime uma ordem peremptória: "Se alguém quiser seguir-me [isto é, tornar-se meu discípulo], que primeiro diga não à sua vida inteira e [metaforicamente] arraste sua cruz para a vergonhosa execução pública, e [assim, passando por essa morte de toda a sua vida anterior] siga-me [como meu discípulo]"^{xi}. Gnilka explica que a metáfora empregada por Jesus embora o seu entendimento incluísse a prontidão para o martírio não se limitava a isto, incluía também a hostilidade, desprezo, restrições, sofrimento. Embora fosse uma palavra de alerta, permite concluir que já no tempo de Jesus, e mais precisamente então, seguir a Jesus não colocava a pessoa numa estrada triunfal.^{xii}

Bonhoeffer observa que a cruz já está preparada desde o início; falta apenas levá-la^{xiii}. Muitos acham que tem que sair por aí a procura de uma cruz qualquer, seja onde for, ou que deve procurar voluntariamente o sofrimento, Jesus diz que existe uma cruz já preparada para cada um de nós, uma cruz a nós destinada e atribuída por Deus. Cada qual tem que suportar a medida de sofrimento e rejeição que lhe é reservada. Essa medida varia de pessoa para pessoa, pois a um Deus honra com maior sofrimento, dando-lhe, inclusive, a graça do martírio; a outro porém, não permite que seja tentado além de suas forças. No entanto, a cruz é uma só.



A cruz é imposta a cada crente. O primeiro sofrimento com Cristo, ao qual ninguém escapa, é o chamado que nos separa para fora das vinculações com o mundo. É a morte do velho ser humano no encontro com Jesus Cristo. Quem entra no discipulado entrega-se à morte de Jesus, expõe sua vida à morte. Isso é assim desde o princípio; a cruz não é o fim horrível de uma vida piedosa e feliz, mas se encontra no começo da comunhão com Jesus Cristo. Todo chamado de Jesus conduz à morte^{xliii}.

Como, porém, saberá o discípulo qual é a sua cruz? Ele a receberá ao entrar no discipulado do Senhor sofredor; na comunhão de Jesus, reconhecerá sua cruz. O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. O discípulo não está acima de seu mestre (Mc 8.31 par.).

Mas a graça barata não promete isso! Ela diz que o cristão será próspero, que será curado de suas enfermidades, que Deus não o quer para ser cauda e sim cabeça (não é o que Jesus ensina em Jo 13.14-17).

Além de repetir a forma da fala em Marcos (Mt 16.24//Lc 9.23) com ligeiras variações, Mateus e Lucas também preservam uma forma de Q para esse lógio, apesar de divergirem um pouco nas palavras^{xliv}. O Q confirma o sentido do dito o qual se resume basicamente à uma advertência para seus discípulos (e candidatos) da absoluta seriedade de segui-lo e das graves conseqüências que eles poderiam enfrentar.

Mateus	Lucas
Então Jesus disse aos seus discípulos: "Se alguém quiser acompanhar-me negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (Mt 16.24).	Jesus dizia a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me" (Lc 9.23)

ENFRENTANDO HOSTILIDADE DA FAMÍLIA



Nem todo sofrimento e toda oposição de que Jesus falava viriam de estranhos ou das autoridades. Uma parte muito prática da cruz que Jesus prometia a seus discípulos era a discórdia com famílias e parentes, provocada pelo fato de eles literalmente o seguirem através da Palestina. No mundo mediterrâneo, antigo e também moderno, o governo em grande escala é normalmente inimigo, o mal necessário que deve ser mantido a distância. Aquilo em que se confia, com que se conta e para que se contribui de bom grado é a família ampliada de cada um, a rede de segurança primária na sociedade campesina. A antiga sociedade mediterrânea era, em grande parte, uma sociedade de "personalidade diádica", onde se formava e se mantinha a identidade de um indivíduo com relação a outros da sua unidade social – sendo esta última, em geral, a família ampliada. Dar adeus, por um período indefinido, aos vínculos de proteção emocional e financeira, rejeitar o único "grupo de opinião" cuja palavra todos os dias afetava a vida de seus membros, tomar o caminho escandaloso de abandonar família e trabalho em uma sociedade regida pelo binômio honra-vergonha – tudo isso tornava difícil a opção para o camponês judeu comum da Galiléia ou da Judéia, fosse homem ou (especialmente) mulher. *A priori*, portanto, seria de esperar que Jesus alertasse seus seguidores desse preço realista do discipulado. Com efeito, existe múltipla confirmação – de novo em Marcos e Q – de que ele falou a seus discípulos sobre o custo doméstico de segui-lo.

Marcos	Q
Pedro então lhe disse: – Vê: nós deixamos tudo e te seguimos. Jesus respondeu: – Todo aquele que deixar casa ou irmãos ou irmãs ou mãe ou pai ou filhos ou campos por causa de mim e por causa da boa notícia, há de receber nesta vida cem vezes	Então Pedro lhe respondeu: – Vê: nós deixamos tudo o que é nosso e te seguimos. Jesus lhes disse: – Eu vos asseguro que vós, que me tendes seguido, no mundo renovado, quando o Filho do Homem sentar em seu trono de



mais em casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos, com perseguições, e no mundo futuro vida eterna (Bíblia do Peregrino).^{xlv}

glória, também vós sentareis em doze tronos para reger as doze tribos de Israel. E todo aquele que por mim deixar casas, irmãos ou irmãs, pai ou mãe, mulher ou filhos, ou campos, receberá cem vezes mais e herdará vida perpétua (Bíblia do Peregrino).^{xlvi}

Então Pedro disse:

– Vê: nós deixamos tudo o que é nosso e te seguimos.

Respondeu-lhe:

– Eu vos asseguro que ninguém que tenha deixado casa ou mulher ou irmãos ou parentes ou filhos pelo reino de Deus, deixará de receber muito mais nesta vida e vida eterna na era futura (Bíblia do Peregrino).^{xlvii}

"Nós deixamos tudo e te seguimos". O que Pedro quis expressar quando disse essa frase? Pedro e o restante dos doze aguardavam alguma recompensa por terem se dedicado exclusivamente a Jesus. Jesus lhes responde que eles receberiam ainda **nesta vida** cem vezes mais do que deixaram. Mas se analisarmos com cuidado essa resposta dada por Jesus notamos que o que os apóstolos iriam receber em vida era uma nova família – a família cristã. Em Atos dos Apóstolos verificamos que muitos deixavam suas posses aos pés dos apóstolos (At 4.35), a multidão dos fiéis não chamavam de própria nenhuma de suas posses; ao contrário, tinham tudo em comum (cf. At 4.32).



No relato específico de Mateus aparece o elemento novo da promessa dos doze tronos aos discípulos. Primeiro Jesus se dirige aos doze com uma promessa escatológica. A *paliggenesia* é a nova criação (Is 65.17; 66.22). Quando Jesus glorificado ocupar seu trono real (Sl 110.1) como rei e juiz, também os doze apóstolos atuarão como juizes, julgando as tribos de Israel que não tiverem aceito Jesus como Messias. Outros interpretam como governo dos apóstolos na Igreja, o novo Israel, em que Jesus glorificado é o rei. Depois se dirige a todos, prometendo-lhes que "receberão o cêntuplo e herdarão a vida eterna". Será apenas uma promessa? Em tal caso, o cêntuplo chegará na consumação. Mateus distingue dois tempos como Marcos? Então o cêntuplo já se dá neste mundo, na vida da Igreja.

Q	EvT
"Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim" (Mt 10.37).	"Todo aquele que não odeia seu pai e sua mãe não será capaz de ser meu discípulo, e todo aquele que não odiar seus irmãos e suas irmãs, e não tomar sua cruz no meu caminho não me serve a mim" (lógion 55).
"Se alguém vem a mim e ama o seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs, e até sua própria vida mais do que a mim, não pode ser meu discípulo" (Lc 14.26).	Disse Jesus: "Aquele que não odeia seu pai e sua mãe como eu não poderá ser meu discípulo. E aquele que não ama seu pai e sua mãe como eu não poderá ser meu discípulo, pois minha mãe (...) mas minha verdadeira mãe me deu a vida" (lógion 101).



Jesus ao proferir essas palavras almejava mostrar aos discípulos que há a necessidade de optar por Jesus sem reservas quando a família se opõe ao compromisso do discipulado ou faz ao futuro discípulo exigências conflitantes. Querendo ou não, o chamado de Jesus ao discipulado provavelmente acarretaria uma violenta divisão em certas famílias da Palestina (cf. Mt 10.34-36//Lc 12.51-53).

Os discípulos de Jesus não devem pensar que ele veio para trazer a paz na terra (ou talvez, a paz para a terra de Israel), mas sim uma espada de divisionismo: filho contra pai, filha contra mãe, nora contra sogra (a nora era obrigada a mudar-se para a casa dos pais do marido e tornar-se parte de sua família). Assim, as formas mais íntimas de vínculos sociais, os laços nos quais todo judeu palestino costumava se apoiar quando tudo mais falhasse, são exatamente os que Jesus viera afrouxar^{xlviii}.

3. Conclusão

A despeito do fato de os seguidores comprometidos com Jesus serem chamados de seus "discípulos" (*mathētai*, literalmente, "aprendizes"), o verbo "seguir" (*akoloutheō*) descreve sua atividade nos Evangelhos muito mais do que o verbo "aprender" (*manthanō*). Eles eram chamados literalmente a abandonar lar e família para seguir Jesus em suas jornadas, para partilhar e receber formação do seu ministério profético de proclamação do reino, com todos os perigos decorrentes, e não simplesmente para aprender a memorizar certos pronunciamentos doutrinários, legais ou éticos. Estudantes rabínicos, por certo, partilhavam a vida de seu mestre, imitavam sua conduta e memorizavam suas palavras. Mas isso não significava imitar um ministério de profecias e curas em um contexto escatológico. O discipulado de Jesus consiste basicamente:

- 1º) Jesus chamava a si a iniciativa de decidir quem poderia ser seu discípulo. Ele confrontava determinados indivíduos com sua ordem imperiosa para segui-lo, uma ordem que não admitia oposição ou demora.



2º) Portanto, ao usar o termo "seguir", ele não visava a fazer uma metáfora piedosa, mas queria dizer acompanhamento literal e físico em suas jornadas de pregação pela Palestina. Conseqüentemente, os que aceitavam o comando de segui-lo tinham que abandonar casa, família e outros vínculos aos quais estavam acomodados.

3º) Além dessas dificuldades, Jesus advertia seus discípulos de que poderiam enfrentar outros sofrimentos: hostilidade e mesmo oposição mortal, incluindo a oposição das suas próprias famílias alienadas.

Jesus fez uma exigência radical a seus discípulos: eles deveriam estar absolutamente comprometidos com ele e sua missão.

Os discípulos de Jesus possuíam como características:

1º) Os discípulos de Jesus são marcados pela obediência a seu chamado peremptório, pela negação de si mesmos e exposição a hostilidade e perigo; esses três traços consituem a vida radical e severa dos discípulos de Jesus.

2º) Contudo, esse grupo radical, marcado, por esses três traços, é ensinado a ser radicalmente aberto aos outros, mesmos aos que estão "fora dos limites".

Poderíamos ter descrito mais profundamente o discipulado, porém, isso tornaria o texto muito científico, a leitura teria que ser realizada de forma mais pausada e no final surtiria o mesmo efeito. Creio que não tenha entrado por demais nas considerações textuais, históricas e metodológicas. O meu objetivo era descrever o discipulado instituído por Jesus, contudo, decidi fazê-lo levando em consideração a crítica textual e histórica, hoje tão repudiada pelos ortodoxos. Muitos tomam tal atitude achando que os cristãos dos bancos das igrejas não estão interessados pelas abordagens "críticas". Particularmente, não tenho notado essa falta de interesse. Acho que esses "ortodoxos" estão é que não estão interessados que "simples" cristãos conheçam profundamente a Palavra de Deus.



Estes mesmos que se dizem ortodoxos desestimulam o interesse que eventualmente surja dentre qualquer um de seus membros em estudar a Bíblia, dizendo que "teologia é besteira", "quem estuda demais perde a fé", entre outras falas clássicas. Não vou entrar em discussão, mas deixo uma frase que o magnífico teólogo Ernst Käsemann nos deixou e que encerra a discussão:

"A conversão é, provavelmente, mais difícil para o teólogo do que para os outros, e talvez esteja mais perto dela quem não aceita uivar com os lobos, nem zurrar com os asnos" (Ernst Käsemann, Tübingen, 15/08/1969).

Destarte, conscientes das exigências e condições do discipulado devemos nos entregar de olhos fechados aquele que estabelecemos como senhor em nossas vidas e não apenas nos denominarmos "discípulos" ou cristãos, necessitamos viver como cristãos, agir como cristãos. Mostrar aos que são do mundo que vivemos no discipulado e que somos felizes por isso. Tudo antes era ilusão. Não existia vida antes do discipulado.

Vamos agora para a segunda parte onde analisaremos a situação da Igreja atual. Muitos têm se preocupado em propor métodos evangelísticos e de grupos de base os quais se apropriam de muitas características do método praticado por Jesus, contudo, se preocupam, na maioria das vezes, apenas com a forma do método e não com seu conteúdo, com sua essência, que consiste no que expomos nessa primeira parte. Sendo assim, devemos sempre lembrar que aplicar um método evangelístico ou fazer um discipulado que não contenha a essência que possuiu quando instituído por Jesus não resultará em um método ou discipulado verdadeiro, conforme a vontade do nosso Senhor.



2ª PARTE AS CONDIÇÕES ATUAIS

1- O Discipulado e os Métodos de Evangelização Atuais

O ato de chamar ao discipulado não é a grosso modo a mesma coisa que evangelizar. Segundo o lexicógrafo Houaiss "evangelizar" é "converter (alguém) à religião, pregando o evangelho"^{xlix}. Segundo esse significado, Jesus não evangelizava. Jesus discipulava. O discipulado, portanto, foi a base da evangelização de Jesus.

Se o discipulado foi a base da evangelização promovida por Jesus na Palestina do século I, então como "imitadores de Cristo" deveríamos utilizar esse método hoje. Sabemos que isso não está ocorrendo nas igrejas cristãs do mundo inteiro e principalmente, no caso brasileiro em específico. Existe uma disputa entre denominações cristãs brasileiras a qual quem possui a maior quantidade de membros é considerada a melhor igreja, a mais abençoada e a única correta.

"O evangelismo moderno está sempre preocupado em perguntar quantos se converteram e são agora membros de igrejas. Poucas vezes pergunta quantos rejeitaram o evangelho devido aos requerimentos radicais que Cristo faz sobre suas vidas. O perigo da preocupação pelo sucesso numérico tem causado uma redução nas exigências do evangelho, obscurecendo o significado do discipulado e acomodando a mensagem evangelística àquilo que o auditório acha mais aceitável" (Jim Wallis, Agenda for Biblical People [New York, Harper & Row, 1976], pp. 27-28).

1.1. A Graça Barata



"O discípulo de Jesus não tem o direito nem o poder de impingir a palavra da graça a qualquer pessoa a qualquer hora. Toda insistência, o correr atrás do outro, o proselitismo, toda tentativa de convencer o outro por força própria, tudo isso é perigoso" (Dietrich Bonhoeffer, *Discipulado*, São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 2004, p. 116).

Esse problema além de não ser atual também não se restringe ao Brasil. Bonhoeffer na década de 30 (Europa) já alertava a questão da "graça barata", ou seja, aquela que é conquistada sem nenhum esforço do beneficiado (crente). Os cristãos estavam sendo "salvos" somente pela fé, mas que fé? "De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não temos obras? Acaso a fé pode salvá-lo?" Fé sem obras não é morta? Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Que obras? Alguns exegetas prefeririam que esses versículos não existissem, outros torcem e distorcem o significado dessas palavras para adaptá-las as suas confissões. Existem trabalhos extensos somente para tratar desse tema. No entanto, a intenção de Tiago é muito clara. Paulo em Romanos 3.28 proclama a justificação pela fé "sem obras da lei" (*pistei chōris ergōn nomou*), não, porém, por fé "sem obras". O que Paulo designa de "fruto da justiça" ou fruto do Espírito (Rm 6.22; Gl 5.22s.; Fp 1.11), Tiago denomina de "obra". Portanto, não são sacramentos, nem a caridade, nem a humildade. Obras são as obras do evangelho. Uma pessoa ao receber a pregação (seja ela escrita, falada, por sinais, ou por atitudes)^{li} é provocada em sua existência atual, ou seja, ela é compelida a uma tomada de decisão, ela precisa nascer de novo, viver em Cristo Jesus, estou certo? Ela nasce de novo no discipulado, como uma criança em fase de amamentação, totalmente dependente de sua mãe (Deus). O modo de vida do cristão só pode ser um – o discipulado – não há outro. Esse modo de vida não é mais como aquele anterior, ele é totalmente novo e seus efeitos são as obras do evangelho - daquele que vive pelo evangelho – na condição de discípulo. Fé sem obras por tanto é morta. O discípulo age conforme a fé e produz as obras do evangelho.



Leonhard Goppelt comenta que Tiago tem em vista não uma teoria herética, mas um comportamento prático: um cristianismo para o qual Deus e a justificação somente pela fé se tornaram teorias filosóficas das quais se está convicto que já não influenciam o comportamento. Um cristianismo de convicções pode estabelecer-se em vários contextos. Pode ser um ortodoxismo morto que se afoga no intelectualismo; pode, de igual modo, ser um liberalismo cristão muito burguês, que vive de conformidade com o mundo e transforma a graça em graça barata^{lii}.

A graça barata é a inimiga mortal de nossa Igreja. Graça barata significa a graça como doutrina, como princípio, como sistema; significa perdão dos pecados como verdade geral, significa o amor de Deus como conceito cristão de Deus. Quem o aceita já tem o perdão de seus pecados. A Igreja participa da graça já pelo simples fato de ter essa doutrina da graça. Nesta Igreja, o mundo encontra fácil cobertura para seus pecados dos quais não tem remorsos e não deseja verdadeiramente libertar-se. Como a graça faz tudo sozinha, tudo também pode permanecer como antes. A graça barata é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a Ceia do Senhor sem confissão dos pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado^{liii}. A graça preciosa, entretanto, é o evangelho que se deve procurar sempre de novo, o dom pelo qual se tem que orar, a porta à qual se tem que bater. Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado, e é graça por chamar ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano, e é graça por, assim, lhe dar a vida; é preciosa por condenar o pecado, e é graça por justificar o pecador. Essa graça é, sobretudo, preciosa por ter sido preciosa para Deus, por ter custado a Deus a vida de seu Filho – "vocês foram comprados por preço" – e porque não pode ser barato para nós aquilo que custou caro para Deus.^{liv}

Tendo em vista esses conceitos, Bonhoeffer observa que na Igreja de sua época tornaram-se baratos a mensagem e os sacramentos; batizou-se, confirmou-se, absolveu-se todo um povo sem perguntas nem condições; por humanitarismo, deu-se o santuário aos zombadores e incrédulos, dispensaram-se rios sem fim de graça, mas o chamado ao



discipulado rigoroso de Cristo ouvia-se cada vez mais raramente^{lv}. Ao final de sua exposição conclui o teólogo:

"A graça barata foi muito cruel para nossa Igreja Evangélica"

"A graça barata decerto foi também cruel pessoalmente para a maioria de nós. Não nos abriu, antes fechou o caminho para Cristo. Não nos chamou ao discipulado, antes nos endureceu na desobediência".

"A mensagem da graça barata tem arruinado mais cristãos do que qualquer mandamento de obras".

Notamos quanto é atual o problema apontado por Tiago e por Bonhoeffer. As pessoas modernas acham o discipulado muito exigente e não almejam aceitar tais condições, jugando-as desnecessárias. Como as igrejas precisam de um crescimento numérico de seus membros a qualquer custo, ela de amolda para esses "acomodados", oferece-se uma "graça barata".^{lvi} Esta é a graça que as igrejas estão ofertando a todos por aí, não exigem nenhuma "meia volta" (*metanóia*) por parte do suposto convertido, nenhum vínculo com a igreja (exceto o dízimo) e ainda lhe prometem prosperidade financeira, amorosa, física, etc.^{lvii} Guilherme Cook faz uma tipologia das Igrejas no Brasil, dividindo elas em três categorias:

- 1º) Ele chama a primeira de "igreja do duplo funil". Na frente, ela tem uma porta grande como um funil, por onde entra muita gente, em resposta a apelos que destacam as ofertas que Cristo faz (salvação, gozo, paz e o céu ao fim da vida). Contudo, diz o autor, esta mensagem não esclarece, antes de responderem ao apelo, qual a fundamental exigência do Reino de Deus (obediência total a ele em todos os aspectos da vida – as obras que Tiago fala), que está também no coração do evangelho. Explica Cook que "nossa responsabilidade é anunciar que o



Salvador que oferece a redenção pela fé, é também o Senhor que exigirá, da pessoa que o aceitar é obediência incondicional. O Espírito Santo lhe ensinará as implicações práticas dessa obediência em um longo processo de crescimento". E depois quando o novo crente é admitido na igreja, acha, muitas vezes, uma comunidade fechada e legalista que, agora, exige dele uma conduta bem diferente, cheia de proibições, e aquela obediência sobre a qual não se falou antes que ele fizesse sua profissão de fé. É também uma comunidade que não liga para os problemas do mundo (só fica pensando no céu), e onde existe pouca vivência em comunidade. Como resultado, esta igreja tem também um funil nos fundos, por onde sai um sem-número de pessoas disciplinadas pela igreja ou desiludidas^{lviii}.

"A Igreja no Brasil é mundialmente famosa pelo seu evangelismo, porém pouco se diz respeito do enorme número de pessoas que some da Igreja. A verdade crua é que, apesar de milhares que estão vindo a Cristo e se unindo à Igreja, muitos não ficam e outros são afastados antes de compreenderem quais as verdadeiras exigências de Cristo. Os pastores não estão preparados para ensinar os novos crentes. Muitos líderes caem na cilada do legalismo, da escravidão financeira e da heresia".^{lix}

2º) A segunda igreja, Cook denomina "rodoviária" pela grande transitoriedade do seu povo. Tanto a entrada como a saída, como também a parte do meio, são grandes demais. Muita gente entra pela porta frente, vagueia no prédio sem rumo fixo, até encontrar a oportunidade de sair ou mudar para outro lugar ou outra igreja. Nesta igreja também se prega a "graça barata", mas é diferente da igreja anterior porque em seu interior não existem alvos coerentes. Conseqüentemente, os membros não sabem para onde se orientar e estão insatisfeitos, de passagem entre a grande porta na frente e a grande porta nos fundos.



3º) A terceira igreja é uma igreja fundamentada sobre padrões bíblicos. Sua mensagem é as boas novas do senhorio de Cristo sobre todas as coisas. Tem uma porta estreita na frente por onde nem todos podem entrar porque, como o jovem rico, acham árdua demais a vida de obediência e de sacrifício que Cristo requer deles. Porém dentro da igreja existe amplitude e um estilo de vida coerente e equilibrado, orientado para Deus, a Bíblia, o próximo e o corpo de Cristo em sua totalidade. Por esta razão, a igreja tem também uma porta pequena nos fundos por onde poucas pessoas procuram fugir, ou por problemas de disciplina, ou porque são excluídas, porque a comunidade cristã se preocupa com elas e as corrige em amor e as poucas pessoas que saem são aquelas que acham muito difícil o custo do discipulado. Um dos fatores que mais têm contribuído para o crescimento integral de algumas igrejas que conhecemos é o impacto da mensagem vivida por estas congregações em meio de suas comunidades. Os sermões evangelísticos e a forma de ser se transformaram em experiências que permitem que toda a vizinhança observe o estilo de vida da igreja. Os estudos bíblicos e os cultos de oração rotineiros, antes tão dominados por um dos líderes, se fizeram mais dialógicos, mais sensíveis às inquietudes dos participantes e aos problemas cotidianos da comunidade. A dimensão pedagógica, tanto congregacional como dos núcleos de discipulado, ressalta constantemente no evangelho do Reino de Jesus Cristo e suas implicações totais para a vida das igrejas. Os crentes saem ao mundo para compartilhar sua fé de forma sensível e espontânea. Novos crentes se incorporam de forma natural ao seio das comunidades e permanecem ali atraídos pelo amor que sentem e que demonstram em formas concretas. Este amor extravasa também em ações em favor dos que sofrem por causa do pecado pessoal e social.

1.2. O Movimento G-12



A forma com que Jesus lidava com seus seguidores veio a pauta das discussões teológicas com o Movimento que se auto-denomina G-12^x. Esse movimento se introduziu-se inicialmente no seio do neopentecostalismo, com o propósito de provocar o crescimento das igrejas evangélicas através de pequenos grupos conhecidos como células.^{lxi} Essas células atuam em reuniões nas casas dos fiéis e geralmente são compostas por doze pessoas. O número doze refere-se ao modelo do discipulado de Jesus Cristo, que separou para si doze homens para instrução, capacitação e testemunho das boas novas.

Não vejo algo de anti-bíblico na idéia principal do movimento. Dividir o grupo em dois estratos (líder e doze alunos) é uma forma de aproximar os discípulos de seu discipulador (o líder da célula). Na verdade discipulado seria algo mais próximo e íntimo que uma célula, seria uma convivência pessoal e permanente entre líder e discípulos. Segundo o ponto de vista bíblico, a célula está mais próxima do discipulado do que a Igreja.

Fazendo uma análise histórico-crítica dos Evangelhos, percebemos que Jesus jamais intencionou em instituir uma *ekklesia*, pelo contrário, chamou todo Israel ao arrependimento (= meia volta). Não criou uma comunidade de santos como fizeram os fariseus e os essênios. Destarte, o programa de células têm todo apoio bíblico em sua forma estrutural.

Quanto às reuniões serem realizadas na própria casa dos discípulos, esse era o local de reunião do cristianismo dos primeiros cristãos. Atente para que Wayne A. Meeks observa:

"Os lugares de reunião dos grupos paulinos, e provavelmente da maioria de outros grupos cristãos primitivos, eram casas particulares".^{lxii}

Portanto, Castellanos está correto quando declara:



"...o princípio dos doze é um revolucionário modelo de liderança que consiste em que a cabeça de um ministério seleciona doze pessoas para reproduzir seu caráter e autoridade neles para desenvolver a visão da igreja, facilitando assim a multiplicação; essas doze pessoas selecionam a outras doze, e estas a outras doze, para fazer com elas o mesmo que o líder fez em suas vidas".^{lxiii}

Não há nada de revolucionário no método, ele é a cópia daquilo que Jesus fez na Palestina no século I d.C. O modelo dos 12 funciona como um processo de crescimento espiritual e ministerial, que é chamado de "Escada do Sucesso". Ele compreende quatro etapas:

- 1º) **Evangelização:** ocorre nas células. A célula é responsável pelo ensino e formação dos discípulos.
- 2º) **Consolidação:** é a etapa da confirmação da fé do indivíduo. Isso ocorre nos encontros. São três tipos de encontros: o pré-encontro, o encontro e o pós-encontro. Castellanos diz que os encontros são:

"Retiros de três dias, durante os quais o novo crente compreende a dimensão exata do significado do arrependimento, recebe cura interior e é liberto de qualquer maldição que tenha imperado em sua vida. Logo a seguir se capacita como guerreiro espiritual, com ministração do enchimento do Espírito Santo. [...] mediante conferências, palestras, videos e práticas de introspecção, se leva o novo conhecimento ao arrependimento, libertação de ataduras e sanidade interior".^{lxiv}

- 3º) **Treinamento:** é oferecido pela escola de líderes de cada igreja. Os novos discipuladores são capacitados para dirigir as células e difundir a visão dos 12.
- 4º) **Envio:** é a etapa final, quando os novos líderes assumem a liderança de grupos em células, com a missão de preparar outros discipuladores.



Não vejo *a priori* nada que não seja apoiado na própria vida do nazareno quanto ao modo estrutural do G-12.

O problema do G-12 apenas surge quando conhecemos a que é pregado nas células. Prosperidade, batalha espiritual e idolatria são alguns dos temas mais cotados dentro das células e das igrejas que utilizam esse método. O problema não está na estrutura do método, mas no caráter dos líderes. Portanto, está certo o professor Alberto Kenji Yamabuchi^{lxv} quando observa que no Brasil existem ramos do neopentecostalismo que, na ânsia de se buscar o sagrado de forma diferenciada e/ou de atrair uma multidão de fiéis, tentam dialogar tanto com o cristianismo histórico (católico-romano, protestantismo) como com o misticismo e esoterismo (Nova Era, religiões afro-brasileiras). Além disso, esses ramos têm um forte discurso proselitista, quase manipulador, que atrai os sedentos por novidades místicas, o que explica o seu crescimento notável e seu avanço em todos os segmentos de nossa sociedade.

Os desvios doutrinários e teológicos que o movimento G-12 prega são facilmente refutáveis:

- 1º) **Teologia da Prosperidade:** O sermão da montanha é como a constituição do novo povo de Deus, o protocolo da Nova Aliança. Jesus neste sermão se dirige a todos os que o escutam, à multidão, aqueles que futuramente poderiam ser seus discípulos. Seu discurso, como notamos na primeira leitura que fazemos, é exigência incondicional, convite a uma constante superação de si mesmo, denúncia de mesquinhez e infidelidades, oferta a misericórdia de Deus. Nesse discurso Jesus não promete prosperidade a nenhum de seus futuros discípulos. Ele diz: "Felizes os que têm fome"; "Felizes os perseguidos"; "Não acumuleis riquezas na terra"; "Não andeis angustiados pela comida e bebida para conservar a vida ou pela ropa para cobrir o corpo"^{lxvi}. Não vejo nesses versos nada que se assemelhe com o que se afirma na teologia da prosperidade. Essa doutrina possui como característica uma exagerada confiança na prosperidade material. O "ter" é



sinônimo de fé legítima e de aprovação divina. A teologia da prosperidade não diz respeito apenas à riqueza material, mas também à saúde física perfeita. As enfermidades são sinais de pecado ou de domínio satânico. Por isso, o doente, seja convertido ou não, precisa passar por "libertação", ou seja, precisa ser exorcizado para gozar a vida como Filho do Rei. Esse pensamento remonta exatamente ao mundo contemporâneo a Jesus. Gerd Theissen^{lxvii} e Eduard Lohse^{lxviii} mostram como era a crença popular nos milagres naquela época:

"O cristianismo primitivo pertence ao ápice de uma crença em milagres na Antiguidade".^{lxix}

"A vida e o destino do homem dependiam de forças sobrenaturais"

2º) **Batalha Espiritual:** particularmente creio nos milagres, todavia, eles apenas são milagres se me são absconditos^{lxx}. Sigo a linha do teólogo Rudolf Bultmann^{lxxi}. Portanto, não creio em batalha espiritual, demônios personificados que atuam na esfera terrena, que possam possuir o ser humano, etc.^{lxxii} As igrejas históricas do mundo todo têm sido desafiadas nestas últimas décadas a dar respostas às ênfases de um movimento dentro das suas fileiras que ficou conhecido como "movimento da batalha espiritual". Esse crescente interesse em círculos evangélicos por Satanás, demônios, espíritos malignos, e o misterioso mundo dos anjos, corresponde ao surto de misticismo atual, um interesse crescente no mundo nos dias de hoje pelos anjos maus e bons, e pelo oculto. Mas não somente no mundo, dentro da própria igreja cristã assistimos o crescimento vertiginoso da busca pelo miraculoso e sobrenatural, na esteira do neopentecostalismo. Esse movimento é caracterizado por uma leitura das Escrituras e da realidade sempre em termos da ação sobrenatural de Deus. Deus é percebido somente em termos de sua ação extraordinária. Assim, para o neopentecostal típico, Deus o guia na vida diária através de impulsos, sonhos, visões, palavras proféticas, e dá soluções aos



seus problemas sempre de forma miraculosa, como libertações, livramentos, exorcismos e curas.^{lxxiii}

3º) **Idolatria**: nas igrejas que adotaram o método do G-12 existe muitos tipos de idolatria, como adoração a objetos inanimados, adoração a tronos, a personagens bíblicos feitos de barro ou metal, simulacros de instrumentos do templo de Jerusalém e/ou do Tabernáculo, etc. Tudo isso é anti-bíblico.

Fora esse problemas doutrinários, ainda se tem a questão do método evangelístico. Os defensores do movimento G-12 pregam que o método é a última solução para a Igreja do milênio. Destarte, são **exclusivistas**. Somente eles estão corretos. Isso é uma característica tanto do judaísmo, como do cristianismo. Os católicos afirmavam que não existia salvação fora da Igreja, os protestantes que a salvação é obtida somente pela fé, ou seja, pelos protestantes (somente os protestantes possuíam fé) e os pentecostais dizem que os salvos são aqueles batizados pelo Espírito Santo e falam em línguas.

Antes de tocar no problema do vedetismo dos líderes do movimento G-12, lembro que Jesus escolhe doze discípulos onde um o traiu Judas, portanto, o discipulado de Jesus não produziu um aproveitamento de 100%, mas de 91,6%.

Vejamos uma infeliz declaração dada pelo pastor Joel Ferreira:

"O meu aproveitamento na Igreja era uma porcentagem de 33% de cada convertido, ou seja, cada 100 que eu convertia eu batizava 33, 34, era uma média muito ruim. Hoje eu tenho uma média de quase 100% de aproveitamento".

Essa média foi alcançada já pela Igreja Católica em diversas ocasiões, quando na Idade Média a Igreja conseguia converter um rei bárbaro, todo o seu povo era convertido e batizado, entretanto, eles continuavam adotando as práticas pagãs que praticavam no



paganismo. Como conseqüência dessa prática houve uma paganização da Igreja Católica. A situação dos neopentecostais hoje é a mesma. Convertem, batizam, e se paganizam. Talvez esteja faltando um conhecimento adequado de história da Igreja aos defensores do movimento G-12.^{lxxiv}

Segundo esses mesmos defensores do G-12, o movimento se propõe a restaurar a Igreja nos moldes da Igreja primitiva em Atos dos Apóstolos. Todos os demais modelos eclesiais são reputados como obsoletos ou ultrapassados. Concordo que o único método para se chegar a uma Igreja mais condizente com os preceitos bíblicos, é aquele praticado pela Igreja primitiva e principalmente por Jesus. Mas não vejo nas características doutrinárias do movimento muita coisa de bíblico.

O exorcismo, milagres e curas jamais foram o "carro-chefe" da pregação de Jesus, de Paulo e dos apóstolos. Eles aconteciam como exceções. A meta de converter e batizar também não foi a meta principal de Jesus e dos apóstolos. A meta era trazer o povo a *metanóia* (a meia-volta) em vista da vinda do reino de Deus. Era preparar o povo para o reino de Deus. Nem Jesus e muito menos os apóstolos agiram com independência de Deus.

Concluindo, devemos considerar os aspectos positivos e negativos do movimento conhecido como G-12. Os aspectos positivos consistem basicamente na sua estrutura e organização. Castellanos está correto quando afirma:

"Pedi a direção do Senhor, e Ele prometeu dar-me a capacidade de preparar a liderança em menos tempo. Pouco depois abriu um véu em minha mente, dando-me entendimento em algumas áreas das Escrituras, e perguntou-me: "quantas pessoas Jesus treinou?" Começou desta maneira a mostrar-me o revolucionário modelo de multiplicação através dos doze. Jesus não escolhe onze nem treze, mas sim doze".^{lxxv}

O que o G-12 aponta como qualidades é:



a) Além de "clericalista" e "pulpitocêntrica", a evangelização tem sido tradicionalmente eclesiocêntrica e "templocêntrica". Ou seja, para muitos a evangelização só pode ser feita dentro de um templo, um salão público ou em um estádio. É "centrípeta", quer dizer, que vai de fora para dentro, ao invés de "centrífuga", que vai de dentro para fora. Exige ao mundo acudir a um determinado lugar, para escutar um comunicador profissional, ao invés de enviar a Igreja ao mundo com a mensagem. Se analisarmos friamente o êxito desse evangelismo verificaremos que ele depende, em grande parte, da pressão de fatores externos como a personalidade e fama do comunicador, a eficiência do programa ou a atração de uma ideologia.^{lxxvi} O G-12, entretanto, ao limitar em doze o número de integrantes da célula, apresenta uma relação mais pessoal entre líder e discípulo. A contrário das igrejas e templos luxuosos que comportam 500, 1000, 1500 membros em um culto, onde não há uma relação pessoal entre o líder da igreja e seus membros. A evangelização deve ser simultaneamente "centrípeta" e "centrífuga". Deve chamar primeiramente o povo de Deus para dentro, a se reunir para adoração, comunhão e reflexão sobre a Palavra de Deus, para em seguida, enviá-lo ao mundo, fora das quatro paredes do templo, das estruturas eclesiais e das fórmulas doutrinárias estreitas, para comunicar sua fé através dos múltiplos elos da vida cotidiana. Sua fonte de inspiração provém simultaneamente de fatores externos no mundo e do impulso interno do Espírito de Deus.

b) A doutrina do sacerdócio universal do crente foi e continua sendo uma das pedras principais da Reforma Protestante. Não obstante, esta doutrina nunca foi mais do que teoria, com exceção das igrejas da chamada "Reforma Radical" ou Anabatista. Os reformadores não conseguiram evitar separação, cada vez mais acentuada entre as funções de um clero dotado de poderes espirituais e temporais e de privilégios especiais, e as funções de um laicato, deles dependente para os meios da graça divina. Tal é a grave situação em nossos dias, que podemos observar o fenômeno curioso de igrejas mais tradicionais (luteranas e episcopais e alguns setores do



catolicismo) que estão redescobrimdo o princípio protestante do sacerdócio universal do crente, enquanto muitas igrejas evangélicas "livres", que no passado reagiram contra o clericalismo das igrejas oficiais, agora concentram cada vez mais as funções do ministério em mãos de especialistas – executivos eclesiais, pastores, missionários e evangelistas.^{lxxvii} Em alguns casos, estes líderes se transformam em verdadeiros papas. O G-12 restaurou o sacerdócio universal da reforma, o qual os protestantes há muito esqueceram. A responsabilidade por todas as atividades da Igreja devem ser divididas e compartilhada com todos os membros, principalmente a liderança. Para um evangelização integral deve ser existir uma ação conjunta de toda a igreja para realizar tal empreendimento.

c) Os pré-encontros, encontros e pós-encontros são reuniões que, sem os respectivos exageros os quais apontamos anteriormente, são um meio eficaz para aproximar cristãos que hoje estão tão individualizados nas igrejas históricas e pentecostais. O pastor Alberto Kenji Yamabuchi, assim como nós, crê que possamos considerar o valor positivo dos encontros. Ele diz: "Seria interessante pensarmos sobre a promoção de verdadeiros encontros espirituais em nossas igrejas, que envolvam principalmente os novos convertidos. Neles poderíamos oferecer os pontos fundamentais da fé da sã doutrina, além de outras informações importantes sobre nossa denominação. E é claro, estabeleceríamos uma maior comunhão com os novos irmãos".^{lxxviii} A igreja católica, junto com o Movimento G-12, deu um passo a frente na questão de diminuir o abismo existente entre os membros de suas igrejas, com o encontro de casais.^{lxxix}

Os pontos negativos consistem em:

- a) Vedetismo pastoral
- b) A prática da regressão psicológica
- c) Cura interior



- d) Deificação do homem
- e) Confissão positiva
- f) Teologia da Prosperidade
- g) Triunfalismo
- h) Guerra espiritual
- i) Maldição hereditária

1.3. O Movimento de Crescimento de Igrejas

Os pastores estão cada vez mais utilizando métodos evangelísticos os quais buscam produzir uma melhor eficiência, ou seja, um maior número de "convertidos". Esses convertidos, todavia, em sua grande maioria, mal dão seus primeiros passos na fé cristã, quem dirá ser discípulos de Jesus. Existe uma total deturpação dos objetivos da Igreja na atualidade. Alguns dirigentes estão mais preocupados em "ganhar almas" do que fazer discípulos. Isso traz conseqüências gravíssimas para a Igreja.

Um dos sinais mais claros de que alguma coisa está errada com o crescimento de muitas igrejas no Brasil é o grande número de pessoas que simplesmente somem dessas igrejas. Isso se dá pelos seguintes motivos:

- 1º) Nosso legalismo excessivo e culturalmente insensível, que choca os novos crentes e que impõe um conceito de disciplina que nem sempre concorda com o espírito da Bíblia.
- 2º) Nosso individualismo exagerado e a conseqüente falta de vida em comunidade dentro de nossas igrejas.

O método de evangelização utilizado por Jesus e pelos apóstolos não foi outro que não o discipulado. Devíamos seguir este método bíblico ao invés de, por exemplo, optar pelos métodos do Movimento de Crescimento de Igrejas, os quais são baseados em



teorias que estiveram em voga no ramo de administração de empresas e que muitas vezes falou nas previsões que fez.^{lxxx}

Veremos no que consiste o Movimento de Crescimento de Igrejas.

De alguns anos para cá alguns setores da igreja evangélica têm sido tomados de um desejo incontido de crescimento a qualquer custo. Em função disso o Movimento de Crescimento de Igreja tem se intesificado com toda força. O crescimento de algumas igrejas locais tem sido obtido às custas do sacrifício da verdadeira doutrina e do abandono de uma liturgia sadia. Com isso, os templos e os salões têm ficado lotados em suas reuniões. Como a evangelização moderna tem sido antropocêntrica, dizendo ao ouvinte aquilo que se pensa que o incrédulo quer ouvir, também a forma do culto tem sido elaborada de modo atrair pessoas para adorar a Deus. Antes que verdadeiros adoradores, essas igrejas estão "criando" pessoas preocupadas com o consumo musical e litúrgico, querendo ouvir o que lhes agrada, e não o que Deus quer dizer para elas. O pregador se tornou algo como um apresentador de programa de entretenimento televisivo.

No afã de se ter a igreja lotada, tudo é formulado para agradar aos freqüentadores em potencial. O culto onde se tem a pregação expositiva das Escrituras é logo abandonado e substituído por um mais próximo de um programa de auditório – o louvor é o "carro-chefe". Define muito bem o professor Heber Carlos de Campos o método de evangelização do Movimento de Crescimento de Igrejas:

"O Movimento de Crescimento de Igrejas tem se concentrado numa forma de culto ao gosto do espírito de nosso tempo e de uma evangelização barata, ao invés de ser o produto da obra soberana do Espírito de Deus no meio do seu povo, e dum posicionamento correto do seu povo para com a Palavra de Deus".^{lxxxi}

Irei resumir no que realmente consiste o Movimento de Crescimento de Igrejas em face da limitação de espaço que se impõe. Esse movimento prioriza o resultado numérico e não qualitativo da conversão. Também suprime todo o papel de Deus na conversão do



homem, acreditando serem capazes de "prever" o resultado de um trabalho evangelístico analisando dados estatísticos.^{lxxxii} O inacreditável que esse método de evangelização está mais difundido dentre as igrejas carismáticas, as quais são as que mais dizem enfatizar a função do Espírito Santo. Outra característica desse movimento é gerada pela afirmação que o pastor "ao assumir a direção de uma igreja, está sendo chamado a administrar um negócio".

O Movimento de Crescimento de Igrejas, todavia, chama atenção das igrejas históricas para os seguintes pontos. Na esfera da evangelização, chamou a atenção às responsabilidades individuais e coletivas na proclamação do Reino de Deus. Nesse sentido tem, corretamente, denunciado a acomodação e sacudido as igrejas, incentivando-as a colocarem em prática as determinações de Jesus contidas em Mt 28.18-20. Outro ponto é que devemos reconhecer a correta ênfase, colocada pelos fundadores do Movimento, no conceito de conversão como a consequência primordial da evangelização.

KENNETH STRACHAN

Durante os últimos anos da década de 1950, Kenneth Strachan, destacado líder evangélico latino-americano, começou a refletir sobre a evangelização no contexto da organização evangelística, que tinha herdado dos seus pais escoceses: a Missão Latino-Americana. Preocupava-o cada vez mais o pequeno crescimento numérico de muitas igrejas e a exagerada dependência delas de especialistas do evangelismo, para o cumprimento da Grande Comissão.

Por sua vez, chamou-lhe a atenção o acelerado crescimento de grupos de uma grande diversidade teológica e ideológica como são os Testemunha de Jeová, os adventistas e vários grupos pentecostais. Quais eram as causas desse crescimento? Perguntou-se Strachan. Seguramente este fenômeno não se podia atribuir a uma doutrina ou ideologia que todos tivessem em comum, nem ao uso de um mesmo método.



Finalmente, após muito estudo de casos determinados, chegou à seguinte conclusão, proclamada por alguns como "O Teorema de Strachan":

"O crescimento numérico de qualquer movimento está em relação direta ao êxito do movimento em mobilizar a totalidade de seus membros numa constante propagação de seus princípios".

Não podemos resumir a causa do crescimento numérico da Igreja apenas ao êxito de se mobilizar membros para o empreendimento evangelístico, mas certamente, isso possui uma grande influência nos resultados. Na terceira parte desse estudo iremos ver quando e como um crescimento numérico se verifica na Igreja. O importante é notar que Strachan parte do comportamento de grupos os quais diríamos antagônicos a fim de extrair um melhor método evangelístico para as igrejas cristãs. Devemos agir assim com os movimentos que descrevemos nessa parte, obedecendo aquilo que o apóstolo Paulo nos deixou como mandamento: "Mas ponham à prova todas as coisas e fiquem com o que é bom" (1 Ts 5.21).

3ª PARTE A SOLUÇÃO

"Ao vincular os Doze tão intimamente à sua pessoa e à sua missão, Jesus de fato fez desse grupo o exemplo vivo do que significava ser um discípulo" (John Paul Meier, Um Judeu Marginal, Vol. III, Livro 1, p. 161).



1- O Discipulado como origem do crescimento da Igreja

O método evangelístico ideal não é outro que não o discipulado. Nessa parte do artigo iremos analisar como a igreja deve se comportar para exercer esse método tão eficaz de evangelização.

Lembremos as três condições para o discipulado:

- 1º) Receber um chamado peremptório de Jesus,
- 2º) segui-lo fisicamente e, desse modo, renunciar aos laços familiares normais, e,
- 3º) expor-se ao sofrimento.

O método evangelístico de Jesus se resumiu ao discipulado, e, a prática do verdadeiro discipulado refletiu na Igreja, que prosperava cada dia mais (cf. At 1.15; 2.41; 4.4; 5.14; 6.7; 9.31; 12.24; 16.5; 19.20; 28.31). Portanto, a prática do verdadeiro discipulado traz como conseqüência o verdadeiro crescimento. O crescimento da Igreja primitiva apresenta como característica:

"Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos" (At 2.41ss.).



1º) **Eles se dedicam ao ensino dos apóstolos.** A primeira forma que a Igreja deve desenvolver é o crescimento conceitual ou doutrinal. O crescimento no conhecimento, no conteúdo e significado concreto da Palavra, e, acima de tudo, é o crescimento na aplicação de suas implicações para a vida e missão da Igreja e de cada um dos cidadãos do reino. O discipulado de Jesus foi um meio de ensinar em um espaço de tempo curto tudo que ele cria ser necessário para que seus discípulos dessem seguimento àquilo que ele havia iniciado. Um exemplo bem nítido de crescimento conceitual é visto no caso dos bereanos. Estes receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo (At 17.11).

CRESCIMENTO CONCEITUAL OU DOUTRINAL

- 1º) Receber a mensagem com grande interesse
- 2º) Examinar todos os dias as Escrituras
- 3º) Ter como instância maior as Escrituras

2º) **Eles se dedicam à comunhão, ao partir do pão e às orações.** Creio que essa característica seja fundamental para o sucesso da Igreja. Deve existir uma maior aproximação, uma maior intimidade, um estreitamento das relações pessoais dentro da Igreja. O professor Alberto Kenji Yamabuchi também nota que o discipulado também desenvolve a construção de relacionamentos pessoais. Isso é de valor fundamental, pois vivemos numa cultura de natureza tão individualista que facilmente promove a solidão, comenta ele.^{lxxxiii} Para Howard J. Clinebell, a renovação e o enriquecimento de relacionamentos íntimos pessoais constituem aspectos importantes para a cultura das pessoas. E ainda mais: o discipulado contribuiria para o crescimento sadio da Igreja.^{lxxxiv} A Igreja cresce dinamicamente na aplicação vivencial de seu conhecimento das Escrituras: A vivência da Igreja é parte da comunicação da mensagem.



- 3º) **Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos.** Esse podemos denominar de crescimento espiritual da Igreja. Ele só ocorre conjuntamente com os outros aspectos do crescimento verdadeiro que estamos analisando no momento.
- 4º) **Os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuía a cada um conforme a sua necessidade.** A Igreja crescia, além do mais, em sua identificação com os problemas econômicos e sociais de sua comunidade: essa é a dimensão encarnacional da Igreja, que surge de forma espontânea e planejada, como manifestação da vida de Cristo na vida da igreja, e se estende aos que estão fora da comunidade da fé. Alerta Guilherme Cook que o compartilhar de recursos não se limita ao puramente econômico. Todos os nossos recursos devem ser compartilhados com as pessoas que precisam, começando com a comunidade da fé, de acordo com os critérios da necessidade e disponibilidade.^{lxxxv}
- 5º) **Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo.** A Igreja crescia no desenvolvimento de estruturas orgânicas ao momento histórico em que vivia. Desenvolveu um estilo de vida e culto próprios da sua cultura. Em cada período da História e em cada cultura e contexto social, a Igreja deve buscar, sob a direção do Espírito e com sensibilidade para seu meio-ambiente, as estruturas, formas e aproximações comunicativas mais adequadas para cada situação. Já notamos essa adaptação das estruturas orgânicas na mudança da Igreja para o território helenista.
- 6º) **E o Senhor Ihes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos.** A interpelação dinâmica destas cinco dimensões do crescimento da igreja conceitual,



vivencial, espiritual, encarnacional e orgânico deve produzir de forma muito natural o crescimento numérico normal . Portanto, as nossas igrejas devem refletir esses crescimentos simultaneamente, como consequência clara de um verdadeiro discipulado.

2- O Método Evangelístico

2.1. A quem e onde evangelizar pertence a Deus

A missão evangelizadora tem certa especificidade, a difusão da Palavra como a esperança que germine, cresça e produza frutos concretos, tais como a reconciliação de pessoas e comunidades inteiras com Deus e com o próximo. O evangelizador, porém, não pode almejar que sempre ao pregar a Palavra de Deus se produzam frutos imediatamente. Não deve selecionar um determinado grupo de ouvintes por achar que ali a Palavra será mais bem recepcionada. Não se podem criar critérios de eficiência para a evangelização. Lembremos o alerta nos dado por Alessandro Pronzato:

"O fruto não depende só da palavra, depende também das diversas situações do terreno, das diversas respostas Este é o ponto essencial do ministério do Reino de Deus, que não é um ministério que há de se interpretar segundo critérios de eficiência... Semeador não elege o terreno, não decide qual é o bom terreno e qual é desfavorável, qual é apto e qual é menos apto, de qual se pode esperar algo e qual o que não vale a pena esforçar-se. O terreno se revela no que é depois da semadura, não antes. Devemos colocar à prova todos os terrenos. Temos que arriscar a Palavra por todas as partes... devemos aprender a fazer numerosos gestos inúteis" (Pronzato, pp. 187 e 207).



A missão pertence a Deus e é ele quem nos coloca nos diferentes lugares onde devemos render frutos do Reino. No entanto, a ambigüidade do Reino presente consiste precisamente que não é fácil distinguir entre o trigo e o joio. A tentação do evangelizador quase sempre será querer julgar de antemão a autenticidade do fruto com a finalidade de destruí-lo. Cristo nos adverte que isso devemos deixar para ele. No entanto, não é por isso que devemos deixar de praticar o discernimento.

Portanto, os pastores e evangelistas não devem "convencer"^{lxxxvi} as pessoas a seguirem Jesus, e sim Jesus irá chamá-las. Como assim? Jesus mesmo responde.

Q	EvT
<p>"Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram" (Mt 7.13,14).</p> <p>"Esforcem-se para entrar pela porta estreita, porque eu lhes digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão" (Lc 13.24).</p>	<p>Disse Jesus: "Muitos estão à porta, mas somente os solitários entrarão na câmara nupcial" (Lócion 75).</p>

As próprias exigências do discipulado afastam aqueles que não foram chamados por Jesus, como foi com aquele homem o qual se ofereceu para seguir Jesus. Logo que Jesus lhe mostrou que ser seu discípulo não lhe renderia glórias, o homem se afastou.

A Evangelização também não é atividade exclusiva de nenhum especialista, seja ele pastor, missionário ou evangelista. A evangelização tampouco é monopólio de uma



igreja particular ou de um setor particular da igreja (mais "puro", mais "conservador"). A evangelização, segundo o modelo bíblico, não tem preferência por um lugar sagrado; antes busca testemunhar nos espaços profanos. A evangelização, não se limita à proclamação verbal da Palavra de Deus. O evangelho não pode ser usado, nem pela igreja nem pelo evangelista para benefício próprio (mais membros, maior número de espectadores, maiores ingressos), pois quando o faz, está comunicando a morte. Em poucas palavras, toda a Igreja foi chamada a comunicar toda a mensagem, em todo o lugar e com a totalidade de sua vida.^{lxxxvii}

2.2. Deus é o verdadeiro evangelizador

O evangelho depois de semeado se desenvolve sem o nosso auxílio, como uma semente de mostarda que é germinada e a natureza se encarrega do processo até se tornar uma grande árvore. Deus é fundamental no processo de evangelização, nós apenas jogamos a semente, a sua germinação, o crescimento da árvore e os frutos são todos gerados pela vontade de Deus. Outro fator marcante do evangelho, que se dá justamente pela totalidade do processo pertencer a Deus, é que a semente insignificante do evangelho, uma vez semeada, germina até alcançar grandes proporções. A missão evangelizadora não consiste, obrigatoriamente, em grandes projetos e em enormes orçamentos. Na maioria das vezes, Deus trabalha através de pessoas e de projetos que aparentemente não têm maior significado.

“O homem não tem a condução de si mesmo. A sua salvação ou condenação está nas mãos daquele que é eventualmente seu senhor” (Ernst Käsemann).

O homem ao mesmo tempo em que pertence ao mundo possui também um senhor. Existem somente duas opções: ou o seu senhor é Deus ou o diabo. Não há como o homem existir sem um senhor. Destarte, se o seu senhor não é Deus, conseqüentemente, o diabo tem poder sobre você. Mas o homem tem como escolher o



seu senhor? Em parte. Käsemann diz: "Não somos nós que decidimos o que somos". Ele está certo. O máximo que podemos fazer é fechar os olhos e nos entregar ao senhor que escolhemos e ele faz de nós aquilo que bem lhe entende. Em Cristo, entretanto, recebemos a graça de estarmos de antemão bem vindos ao senhor Deus. Cristo nos tirou a preocupação com a nossa salvação: devemos nos concentrar na obra que nos foi confiada, que é a de sermos encontrados fiéis e de servirmos a Deus na profanidade da vida quotidiana. Muitos creêm que são "donos de seus destinos". Käsemann^{lxxxviii} alerta que "a cega e presunçosa tentativa de tomar em nossas mãos o destino é sempre frustrada pela experiência de nossas limitações e do alheamento de nós mesmos, experiências esta que nos leva a um desespero obstinado ou impotente".

Segundo o Dr. Käsemann "a palavra de Deus dirigida ao homem contém uma provocação, em virtude da qual o Criador chama do caos ao ser, e o redentor chama da perdição à salvação"^{lxxxix}. Continua ele: "Provocativa é a profecia, que orienta para a promessa, para o êxodo, para o primeiro mandamento. A palavra da cruz ensina provocadoramente a ver a glória da comunidade no fato de poder tornar-se na terra conforme ao Cristo glorioso e segui-lo com a cruz. Provocativa, enfim, é a mensagem da ressurreição porque não proclama somente a vitória sobre o sepulcro mas também a realidade da *basiléia*^{xc}, na qual os demônios jazem vencidos e a liberdade perfeita é conquistada"^{xc}. O homem é um ser provocável e constantemente provocado. Ele sempre se encontra diante de um apelo ao qual deve responder pensando, falando, agindo, sofrendo. A ele criatura, é dirigido um apelo divino que exerce pressão sobre ele durante sua peregrinação terrena.

Somos provocados todos os dias pelo apelo da pregação, de um testemunho, da aflição que nos submetemos periodicamente e em todos esse modos de apelo está atuando o Espírito Santo. Mas estamos sendo provocados a fazer o quê? A refletir sobre a nossa existência. Quando o homem se autocompreende como criatura de Deus e que Deus o criou para a sua glória, a partir daí, ele não possui alternativa a não ser responder positivamente. Karl Barth comenta: "Quando ignoramos (ou pretendemos ignorar) a separação que existe entre nós e Deus, é porque, ou não temos compreensão de nosso



estado por absoluta insensibilidade espiritual e moral, ou é porque fazemos de Deus nosso igual, quer trazendo-o ao nosso nível ou fazendo-nos iguais a ele".^{xcii}

Alertando apenas que, a nossa autocompreensão não nos dá a possibilidade de transcender a nós mesmos. Ao contrário, o homem natural mostra o que à criatura, em sua culminância, é simultaneamente concedido e negado. O homem é também espírito e, por isso, está no vértice da criação. Mas sendo tal, ele se vê em um emaranhado semelhante ao de sua vida física, exposto ao desejo e à angústia, inimigo de si mesmo nos seus pensamentos e nos seus esforços e até em sua piedade. Os seus anseios de liberdade demonstram, contudo, que ele se sente interpelado e provocado.^{xciii}

Aquilo que Santo Agostinho falou em suas "Confissões" está bem colocado:

"Tu nos criaste para ti, ó Deus, e nossos corações vivem inquietos enquanto não descansam em ti" (Confissões, Santo Agostinho, I, 1).

O homem permanece inquieto, sendo provocado, afligido, até que se volte para o seu criador. Este o recebe como o pai ao filho pródigo. Karl Barth fala em seu comentário à carta aos romanos de Paulo que "a nossa vida só tem sentido e é sensata quando voltada, orientada para o Deus verdadeiro. Essa orientação para Deus, este relacionamento, precisa ser estabelecido para que a nossa mente e nosso coração, contemplando com sensatez, sejam quebrantados com a lembrança da eternidade".^{xciv}

Após a "tomada de consciência", o ser humano volta-se para Deus e se entrega a ele como um salto livre, onde não se tem conhecimento da altura do salto e muito menos se a corda elástica está presa a você ou não.^{xcv} Karl Barth salienta: "somente após o homem reconhecer o seu absoluto afastamento de Deus, é que lhe abre a porta estreita do caminho apertado que conduza à salvação".^{xcvi} Como foi o comissionamento dos profetas? Como foi o chamado ao discipulado? Não tem garantia, não há segurança, não é paupável. É um chamado peremptório, decisivo, crucial.

O ser humano que preocupa-se em assegurar a sua vida não está preparado para o discipulado, pois, coloca toda a sua confiança no que é visível, paupável, ou seja, confia



na carne. A consciência de segurança encontra expressão no gloriar-se. Por esse motivo Jesus falou: "Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus" (Mt 19. 23). Não é a posse de riquezas que é o empecilho o qual não permite o ingresso no Reino dos céus, mas a confiança depositada nas coisas materiais, essa confiança gera o gloriar-se. Bultmann observa apropriadamente que essa confiança no disponível, no transitório, não se reduz apenas as coisas materiais, também se refere a certeza da salvação por méritos próprios. Os judeus^{xcvii} são um bom exemplo: eles têm como garantia de salvação o cumprimento da Lei (Gl 3.3).

Os cristãos atualmente estão cada vez mais longe de tomarem uma atitude peremptória quando chamados por Jesus. De deixarem a esfera do visível, do perecível, do mundano para seguirem a Jesus, por meio do discipulado verdadeiro. Muitos adiam a resposta justificando a si próprios em suas consciências. Outros adaptam o evangelho as suas prerrogativas e pressuposições. A graça barata se firma como a solução da Igreja, que não quer permanecer com um número reduzido de membros. O discipulado barato se estabelece como a solução para o homem moderno que não confia em Deus, que quer assegurar sua vida no acúmulo de riquezas materiais.

Como devemos nos comportar frente ao chamado?

O chamado ao discipulado é urgente, ele deve ser respondido de imediato, ele não pode aguardar nenhum evento, não pode possuir obstáculos. Como vimos anteriormente, os profetas quando Deus os chamava, respondiam de que maneira? Eles pensaram, refletiram, pediram para fazer algo antes, ou, apenas falaram "Eis me aqui". É assim que você deve responder quando Jesus o chamar! Não existe outra resposta. Não há outro caminho que o leve ao reino de Deus se não o discipulado. Deve-se agir como Pedro e André. Quando foram chamados por Jesus para segui-lo eles estavam pescando, e nem por isso pediram para Jesus aguardá-los, pois quando terminassem seus trabalhos iriam segui-lo. "No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram" (Mc 1.16s.)^{xcviii}. No entanto, deve ser uma resposta definitiva, uma resposta irrevogável, não existe retorno. É uma resposta para toda a vida, para sempre, diante de qualquer situação. Por isso deve se calcular os custos (cf. Lc 14.28-33).



2.3. Maior Integração Social da Igreja

A preocupação pelo próximo, pelos necessitados, é uma dimensão essencial da comunicação do evangelho. *A solidariedade com os que sofrem necessidade, pobreza e opressão é um canal para a mensagem do evangelho.* Os receptores desta comunicação são "todos, e especialmente nossos irmãos na fé".

A maior parte das Igrejas estão desconsiderando esse dever. Queiramos ou não, o evangelho do reino de Deus sempre terá implicações para todas as dimensões da vida, incluindo a dimensão sociopolítica. A Igreja tem que se fazer presente nas lutas sociais pelos direitos humanos, pela preservação ambiental, por uma inserção social dos marginalizados, entre outras coisas. Dificilmente, observamos uma congregação que se empenha em projetos sociais, em programas os quais haja uma maior preocupação da Igreja com aqueles que ela almeja levar a mensagem do reino de Deus. Não podemos nos isolar dentro dos templos e taparmos os olhos para aquilo que está acontecendo no mundo, no Estado, e na comunidade em que vivemos. Podemos tomar como exemplo o texto bíblico de 2 Co 8.13s.:

"Nosso desejo não é que outros sejam aliviados, mas que haja igualdade. No presente momento, a fartura de vocês suprirá a necessidade deles, para que, por sua vez, a fartura deles supra a necessidade de vocês. Então haverá igualdade".

Guilherme Cook diz que uma Igreja que se enclausura no seu próprio gueto de santidade pessoal ou de sua pureza doutrinária, que recusa descer da presença do Senhor, onde professa morar, para correr o risco de se contaminar com a imundície deste mundo não é digna do seu Mestre – não pode ser um verdadeiro instrumento de Deus na evangelização. Não será a Igreja institucional, rica em bens, em teologia, em métodos e em pessoal eclesiástico, que automaticamente haverá de atingir o mundo com a



mensagem de redenção. A única Igreja que poderá comunicar o evangelho eficazmente a um mundo em angustiante escravidão será aquela que, livre de compromissos, rica de espírito e disposta a abandonar toda pretensão de riqueza, reconhecer sua total dependência da abundância que o Senhor lhe prover.^{xcix}

Jim Wallis nos diz:

"Tragicamente e com algo de incomodidade, os evangélicos de hoje estão andando precariamente sobre uma corda frouxa, entre... dois pontos de vista contraditórios sobre Jesus. Fomos ensinados que Jesus é o Senhor: Seus ensinamentos devem ser a máxima autoridade em nossas vidas. No entanto, por experiência, os evangélicos têm aceitado as conclusões éticas daquelas teologias que subestimam a autoridade de Jesus. Este conflito se acha no coração do problema com o evangelismo de hoje... Ao escutar os pastores evangélicos hoje, ninguém diria que a vinda de Jesus teve como propósito transformar o mundo".^c

2.4. Dedicção Integral

Não existia limites temporal ou geográfico no discipulado de Jesus. O discipulado, na verdade é permanente, enquanto o discípulo viver nada será mais do que apenas um discípulo, ele não atinge o status de mestre. Pedro, João, Tiago, Mateus, após a morte do seu mestre permaneceram discípulos. Portanto, não há limite temporal para o discipulado.

Não nos resta dúvida que muitos discípulos abandonaram Jesus (Jo 6.66). Também não possuímos notícias de um ex-discípulo ter sido aceito novamente, contudo, sabemos que aqueles os quais foram verdadeiramente discípulos permaneceram discípulos até o fim, ou seja, por toda a vida.

Muitos atualmente dizem ser discípulos de Cristo, ou melhor, cristãos, um cristão nada mais é do que um discípulo Cristo, não é verdade? Existe uma categoria moderna de cristãos que se auto-intitulam cristãos "desviados". Qual a natureza desse tipo de



cristão? Esse cristão é um cristão que seus atos não condizem com os princípios da ética cristã. Por achar o discipulado de Jesus um fardo muito pesado, ele se engana achando que pode praticar um discipulado "barato", esse é consequência da graça barata a qual falamos. Ele tem os dois pés no mundo, a mente no mundo, o coração no mundo, entretanto, afirma aos quatro-ventos que já foi um cristão devoto, um verdadeiro discípulo de Cristo. Muitas das vezes, esses cristãos não assumem a responsabilidade de seus erros e colocam a culpa toda no diabo, assim como Eva fez, lembrados?

Existe outra espécie de cristãos denominados "cristãos nominais". A maior parte deles jamais foi a Igreja, não possuem sequer o mínimo conhecimento da Palavra de Deus e afirmam que não são devotos em razão da Igreja ser uma instituição corrupta, que comete erros e que seus freqüentadores são hipócritas. Mas será isso motivo para não se freqüentar uma igreja? Pedro não errou muitas vezes, Judas não era um falso discípulo, não houve desvios de conduta na Igreja desde o seu início?

Devemos ressaltar que o discipulado permanece durante toda a vida do discípulo. Ele perdura enquanto existe vida em seu corpo. Portanto, sobre cristãos desviados e nominais pode ser dito que jamais foram discípulos de Jesus e conseqüentemente cristãos. É uma triste notícia, mas o evangelho é assim, não tem meio termo, ou é ou não é, o chamado concreto de Jesus e a obediência simples têm sentido irrevogável.

Bonhoeffer declara que ser discípulo significa dar determinados passos. Já o primeiro passo que segue ao chamado separa o discípulo de sua existência anterior. Assim o chamado ao discipulado cria imediatamente uma nova situação. Permanecer na situação anterior e ser discípulo é impossível.^{ci}

3- Conclusão

Vimos no decorrer do artigo que o método evangelístico de Jesus e da Igreja Primitiva consistiu no discipulado. A Igreja atual, ao contrário dos primeiros cristãos, utiliza métodos evangelísticos dispendiosos, que necessitam de investimentos vultuosos e que necessitam de grande demanda de pessoal especializado. São realizados shows gospels,



grandes eventos e congressos que no final "evangelizam" muitos, mas não acabam discipulando ninguém.

A igreja é mais do que um corpo de pessoas reunidas para adorar a Deus, nós somos mais. Somos o exemplo das pessoas que esperam o reino de Deus. Este reino já está presente entre nós, e por isso, devemos viver como cristãos no reino não somente pela fé, mas pelo amor, com a participação universal de todos os seres humanos. Eles precisam sentir como é "viver" no reino.

Uma Igreja que apenas leva a Palavra de Deus não está cumprindo o evangelho integral. Jesus discipulou. Ele viveu no dia-a-dia com seus discípulos, sofreu com eles, teve sede e fome com eles. Todos viviam nas mesmas condições socio-econômicas, todos partilhavam o que possuíam, todos compartilhavam do mesmo teto e da mesma comida.

Um cristão que não se entrega totalmente quando é chamado por Jesus não é seu discípulo. Aquele que não abandona lar, posses e riquezas, família pelo reino de Deus não entra nele. Aquele que não carrega a sua cruz não pode usufruir da cruz que Cristo carregou. Aquele que não se dedica integralmente ao discipulado não é conhecido pelo Senhor.

Os Movimentos que surgiram nos últimos anos, conhecidos como G-12 e Movimento de Crescimento de Igrejas mostram que existe uma tentativa de se reafirmar o mandamento de Jesus da Grande Comissão, entretanto, algumas vezes, os proponentes desses movimentos possam até possuir boas intenções, mas por falta de bom senso deixaram que suas boas intenções se convertessem em deturpações do evangelho. Devemos tomar uma atitude crítica, mas não podemos desprezar aquilo que trouxeram de bom.

Está na hora de travarmos um diálogo ecumênico visando relacionar todas as prerrogativas que a evangelização deve possuir. Fazer isso tomando como modelo o discipulado instituído pelo nosso Senhor o qual já foi testado e que nós somos a prova que esse método deu certo.



Julio Cesar de Macedo Fontana

ⁱ Cook, Guilherme. *Evangelização é comunicação*. Campinas/SP: United Press, 1998, p. 17s.

ⁱⁱ O Professor Solano Portela observa que a razão para essa falta de planejamento e coordenação da Igreja está ligada ao sentimento reacionista dos evangélicos para qualquer tipo de esboço de organização e planejamento. Ele diz: "Talvez, em alguns campos, a raiz da situação esteja numa reação exagerada à rigidez litúrgica, hierárquica e de planejamento da Igreja Romana. Em outros, teria vindo como uma rebelião ao formalismo das denominações mais



estruturadas. De qualquer forma criou-se, no campo evangélico, a idéia de que qualquer planejamento e organização maior, no que diz respeito às coisas do Reino de Deus, seria uma "camisa de força" inadequada". Comenta ainda o professor, no seu artigo *Planejando os Rumos da Igreja: Pontos Positivos e Crítica de Posições Contemporâneas* publicado pela Revista Fides Reformata (1/2) em 1996, que "durante muito tempo perserquimos, portanto, a espontaneidade a qualquer custo, ao ponto de chegarmos a identificar "espiritualidade" com falta de organização e ordem, característica de muitas de nossas igrejas. O medo, justificado, da "ortodoxia morta" resultou no "vale espiritual" onde qualquer ação, desde que "cristianizada" com palavras e ordens bíblicas, são admissíveis, não apenas na liturgia, como também no encaminhamento dos assuntos e das várias tarefas da igreja".

ⁱⁱⁱ *Evangelização é comunicação*, p. 18.

^{iv} *Ibid.*, p. 19.

^v *Ibid.*, p. 20.

^{vi} Brevemente falando podemos agrupar os que seguiam Jesus em três círculos concêntricos. O círculo externo incluía as multidões de curiosos que iam e vinham (esses não podem ser denominados discípulos); no círculo intermediário ficavam os discípulos, que Jesus escolhia pessoalmente para acompanhá-lo em suas jornadas (eram seguidores permanentes de Jesus, incluindo mulheres, as quais como podemos perceber nos Evangelhos eram muito mais devotas do que muitos homens); havia também o círculo mais íntimo que era composto de doze discípulos selecionados do círculo anterior (esses simbolizavam e iniciavam a grande reunificação das doze tribos de Israel no fim dos tempos).

^{vii} Houaiss, Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, p. 251.

^{viii} Anacronismo, segundo Houaiss, é um "erro na datação de acontecimentos"; "atitude ou fato que não está de acordo com sua época" (*Ibid.*, p. 41).

^{ix} Critério utilizado para se descobrir a possibilidade de um dito remontar ou não ao próprio Jesus histórico. Esse critério enfoca palavras ou feitos de Jesus que não podem ser originários quer do judaísmo do seu tempo, quer da igreja primitiva.

^x John Paul Meier, *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*, Vol 3, livro I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003, p. 55.

^{xi} *Ibid.*, idem.

^{xii} *Ibid.*, p.55s.

^{xiii} *Ibid.* p. 57.

^{xiv} *The Concept of Disciple*, pp. 11-32.

^{xv} *The Johannine Scholl* (SBLDS 26; Missoula, MT: Scholars, 1975), pp. 258-259.

^{xvi} *Ibid.*, p. 225.

^{xvii} Para conhecer mais profundamente as características de cada escola contemporânea a Jesus no mundo greco-romano bem como no judaísmo, ver Wayne A. Meeks, *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos* (São Paulo: Paulus, 1996), pp. 35-113.

^{xviii} *The Concept of Disciple*, 43-91.

^{xix} Otto Kaiser, *Isaiah 1-12* [OTL; Filadélfia: Westminster, 1972], p. 120.

^{xx} Cohen, *From the Maccabees to the Mishnah*, 122.

^{xxi} Creio que não podemos chamar aqueles seguidores que permaneciam temporariamente com o Batista de discípulos.

^{xxii} Joachim Jeremias crê que o método de Jesus fazer discípulos não era novidade nos tempos do Novo Testamento. Diz ele que desde o século II antes de Jesus existiam entre as classes médias e pobres "santas comunidades" (*habûrot* em aramaico) ou os "companheirismos" dos fariseus. Elas se dedicavam à preparação dos alimentos para as sinagogas, à observância das prescrições litúrgicas. Também existiam as comunidades monásticas (não celibatárias) dos essênios. Alguns grupos se caracterizavam por seu estrito apego à letra da lei. Eram, portanto, comunidades fechadas, cujas doutrinas, ao menos no caso dos fariseus, eram condenadas por Jesus como sendo letra morta.

^{xxiii} Diferente pensa H. W. Kuhn, in: *Nachfolge*. Ele diz que existe três formas de vocação nos Evangelhos (tipo marcano: Jesus chama seus discípulos diretamente; tipo Fonte de Ditos: o seguimento ocorre a partir de uma decisão de Jesus; tipo joanino: as pessoas entram no seguimento de Jesus pela mediação de outras pessoas). Kuhn faz uma abordagem diferente da que propomos nesse artigo. No decorrer desse estudo o leitor pode notar que as condições e características do discipulado as quais ressaltamos são todas elas fundamentadas nos critérios de historicidade. Portanto, ditos isolados não foram considerados no nosso estudo.

^{xxiv} Gnilka, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000, p. 156s.

^{xxv} Dietrich Bonhoeffer. *Discipulado*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 8ª edição, 2004, p. 20.

^{xxvi} Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

^{xxvii} *Discipulado*, p. 22.

^{xxviii} *Ibid.*, p. 20.



^{xxix} O significado da resposta do homem o qual pediu primeiro para sepultar o pai, pode ser de que seu pai ainda estivesse vivo e não queria desapontá-lo por seguir a Jesus. O Evangelho de Tomé traz essa idéia.

^{xxx} *Um Judeu Marginal*, p. 109.

^{xxxi} *Jesus de Nazaré*, p. 159.

^{xxxii} *Um Judeu Marginal*, p. 69.

^{xxxiii} O Evangelho de Tomé traz um dito que aponta para essa mesma idéia.

^{xxxiv} *Discipulado*, p. 24.

^{xxxv} *Um Judeu Marginal*, p. 69.

^{xxxvi} *Ibid.*, p. 70.

^{xxxvii} *Ibid.*, p. 70.

^{xxxviii} *Ibid.*, p. 79.

^{xxxix} Jesus muitas vezes usava símbolos chocantes para incluir sua mensagem (p. ex. Mt 19.12: "E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus"), mas nenhum poderia ser mais chocante do que esse. O objetivo é claro: os que pensam que querem seguir Jesus como discípulos devem avaliar os custos antecipadamente com fria sobriedade; não há caminho fácil para o discipulado.

^{xl} *Um Judeu Marginal*, p. 80.

^{xli} *Jesus de Nazaré*, p. 161.

^{xlii} *Discipulado*, p. 46.

^{xliii} *Ibid.*, p. 46s.

^{xliv} Para uma discussão detalhada das diferenças apresentadas por Mateus e Lucas, ver *Um Judeu Marginal*, p. 81s.

^{xlv} Então Pedro começou a dizer-lhe: "Nós deixamos tudo para seguir-te". Respondeu Jesus: "Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, ou campos, por causa de mim e do evangelho, deixará de receber cem vezes mais, já no tempo presente, casas, irmãos, irmãs, mães e filhos e campos, e com eles perseguição; e, na era futura, a vida eterna" (Mc 10.28-30).

^{xlvi} Então Pedro lhe respondeu: "Nós deixamos tudo para seguir-te! Que será de nós?" Jesus lhes disse: "Digo-lhes a verdade: Por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso, vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todos os que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por minha causa, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna" (Mt 19.27-29).

^{xlvii} Pedro lhe disse: "Nós deixamos tudo o que tínhamos para seguir-te!". Respondeu Jesus: "Digo-lhes a verdade: Ninguém que tenha deixado casa, mulher, irmãos, pai ou filhos por causa do Reino de Deus deixará de receber, na presente era, muitas vezes mais, e, na era futura, a vida eterna" (Lc 18.28,29).

^{xlviii} Essa característica do discipulado é coerente com as tradições proféticas e, particularmente, apocalípticas de Israel, que vaim o afrouxamento da lealdade nas unidades familiares como um primeiro sinal das tribulações dos últimos dias, tribulações muitas vezes simbolizadas por uma espada.

^{xlix} *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*, p. 321.

ⁱ Tg 2.14.

ⁱⁱ D. L. Moody disse certa vez: "De cem homens, um lerá a Bíblia; noventa e nove lerão o cristão".

ⁱⁱⁱ Ver *Teologia do Novo Testamento*, Leonhard Goppelt, pp. 440-443.

ⁱⁱⁱⁱ *Discipulado*, pp. 9-10.

^{lv} *Ibid.*, pp. 10-11.

^{lv} *Ibid.*, p. 18.

^{lvi} Isso só se for na época de Bonhoeffer! Hoje já possuímos a "graça casas Bahia, leve agora pague em 10 vezes sem juros com entrada para daqui a 60 dias".

^{lvii} Escutamos alguns chavões grotescos: Como aquele que Deus fez o cristão para ser cabeça e não cauda, ou seja, o cristão deve ser, obrigatoriamente, o mais bem sucedido na sua empresa, na faculdade, na vida amorosa, etc. Outros dizem que o cristão só precisa tomar posse da sua benção. Escutei certo dia certo missionário fazendo tal analogia: "O cheque está assinado em branco por Deus, é só você preencher e desfrutar da graça divina". Esses são exemplos de uma hermenêutica que não vê o contexto o qual está inserido certos versículos, nota-se que suas doutrinas estão baseadas em muitos versículos isolados e não na Bíblia como um todo.

^{lviii} *Evangelização é Comunicação*, pp. 105-133.

^{lix} Autor desconhecido, citado por Guilherme Cook, p. 120.

^{lx} O G-12 nasceu de uma visão do pastor César Castellanos Dominguez, pastor-fundador da "Missão Carismática Internacional" da Colômbia.

^{lxi} Keith Phillips notou que enquanto os programas de evangelização em massa – aqueles que necessitam de investimentos exorbitantes, como shows gospels – fazem o número de cristãos nas igrejas crescerem em Progressão Aritmética (P.A.), o discipulado – aquele onde não é necessário pouco investimento, que todos os membros das igrejas



participam ativamente e que exigem um esforço maior por parte do convertido – esse programa evangelístico resulta um crescimento em progressão geométrica (P.G.) [*A Formação de um Discípulo*, de Keith Phillips, Editora Vida].

^{lxii} *Os Primeiros Cristãos Urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*, p. 121.

^{lxiii} *Liderazgo de éxito através de los 12*. Bogotá: Ed. Vilit, 1999, p. 148 apud Salgado, Josué Mello. Dessacralizando a "visão": uma abordagem crítica e demistificadora do movimento "G-12".

^{lxiv} Castellanos apud Salgado, op. cit., p. 1. Os encontros do G-12 provavelmente têm sua inspiração nos antigos cursilhos da Igreja Católica.

^{lxv} Professor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Faz uma crítica do G-12 em seu artigo *Uma Análise do Movimento G-12: reflexões de um pastor batista*, mensagem proferida na reunião mensal da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil – Secção do estado de São paulo no dia 29 de março de 2004.

^{lxvi} Passagens Bíblicas extraídas da Bíblia do Peregrino (Paulus).

^{lxvii} *O Manual do Jesus Histórico*, Gerd Theissen e Annette Merz. São Paulo: Edições Loyola, 2ª edição, 2004, p. 315.

^{lxviii} *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*, Eduard Lohse. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 217.

^{lxix} Um fator para o aumento da crença em milagres e a aparição de taumaturgos são as tensões entre a cultura do campo e a da cidade, entre judeus e pagãos, entre formas culturais de vida tradicionais e novas.

^{lxx} Abscôndito: oculto, escondido.

^{lxxi}

- 1) O milagre é ação de Deus, diferentemente de um acontecimento natural que se origina a partir de suas causas naturais ou da vontade e atuação humana;
- 2) O milagre é um acontecimento milagroso *contra naturam*, sendo que o termo "natureza" é concebido como o processo natural que transcorre numa ordem regular.

Para Bultmann "a idéia de milagre como acontecimento miraculoso tornou-se impossível para nós hoje, porque entendemos o processo natural como processo que segue leis, concebendo, portanto, o milagre como ruptura do nexa baseado em leis do processo natural; e esta idéia não é mais concebível para nós hoje" (p. 105). Mesmo não admitindo a segunda forma de milagre não nega a primeira, contudo, ensina que a ação de Deus sempre será inconstatável aos olhos humanos. Deus age em secreto. Deus não é constátável, portanto, o milagre também não. Bultmann explica que "o milagre enquanto milagre é abscondito, abscondito para a pessoa que não vê a Deus nele. Está claro, portanto: 1) que o milagre do qual fala a fé de fato não é um evento miraculoso; pois este é justamente um acontecimento constátável; 2) que o milagre não fundamenta a fé no sentido de que ele, como acontecimento constátável, permitisse que se venha a inferir dele a existência do Deus invisível". Continua Bultmann "a abscondidade de Deus não significa sua invisibilidade de modo geral; ela não significa primordialmente que ele é inacessível para os sentidos, para o experimento, mas ele é abscondito para mim".

^{lxxii} O fato de demônios poderem possuir o homem, de Deus dirigir seu pensar e querer, as manifestações do Espírito Santo, a revelação de Deus na história, toda doutrina da salvação, bem como a crucificação e a ressurreição, tudo isso é linguagem mitológica (5-7). Afirma ainda que "a linguagem mitológica é inverossímil para o ser humano de hoje, pois para este a concepção mítica do universo é algo passado"

^{lxxiii} *Quatro Princípios Bíblicos para se Entender a Batalha Espiritual*, in: Neopentecostalismo, Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil.

^{lxxiv} Para uma pessoa totalmente crente no sobrenatural e no poder de Deus em intervir na história profana, o pastor Joel está utilizando muito o pronome "eu", ao invés de "Ele".

^{lxxv} Castellanos apud Romeiro, opus cit., p. 3. Castellanos talvez não saiba, mas a intenção básica de Jesus ao criar os Doze parece ter sido obter um alcance mais amplo do que simplesmente proporcionar um exemplo permanente de discipulado. Sua inenção era, ao que parece, correspondia ao cerne de sua proclamação a Israel: o advento do reino de Deus, que haveria de estabelecer seu domínio definitivo sobre um Israel restaurado. Para ver uma abordagem mais ampla sobre o simbolismo dos doze, ver *Um Judeu Marginal*, Vol. 3, livro 1, pp. 162-178.

^{lxxvi} *Evangelização é Comunicação*, p. 48s.

^{lxxvii} *Ibid.*, p. 44s.

^{lxxviii} *Uma Análise do Movimento G-12: reflexões de um pastor batista*.

^{lxxix} Existem em quase toda a América Latina milhares de pequenos grupos de católicos que se reúnem para orar, adorar a Deus e estudar a Bíblia. Embora muitos deles fiquem satisfeitos só com as bênçãos que recebem nos seus grupos de católicos, outros gostam de falar de sua fé comas pessoas que não conhecem Jesus. Eles falam da conversão em termos bíblicos e convidam os seus amigos e parentes a experimentar a realidade da salvação em Cristo no contexto de uma comunidade cristã. Guilherme Cook nos confidencia: "Tenho conhecido protestantes nominais no Brasil que testemunham ter conhecido Cristo como Senhor e Salvador em um grupo católico. Sei também de algumas pessoas,



que agora freqüentam igrejas evangélicas, que professam ter aceitado Jesus em um grupo católico" (*Evangelização é Comunicação*, p. 74).

^{lxxx} Ver artigo "Planejando os Rumos da Igreja: Pontos Positivos e Crítica de Posições Contemporâneas".

^{lxxx} *Crescimento de Igreja: com reforma ou com reavivamento?*, Fides Reformata 1/1 (1996).

^{lxxxii} At 2.47 é uma prova que a conversão não depende tanto assim dos métodos como o Movimento crê: "E o Senhor lhes acrescentava diariamente os que iam sendo salvos".

^{lxxxiii} *Uma Análise do Movimento G-12: reflexões de um pastor batista*.

^{lxxxiv} *Aconselhamento Pastoral: modelo centrado em crescimento e libertação*. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1987, p. 51.

^{lxxxv} *Evangelização é Comunicação*, p. 117s.

^{lxxxvi} Os mais cultos chamam isso de abstração filosófica.

^{lxxxvii} *Evangelização é Comunicação*, p. 54.

^{lxxxviii} *Perspectivas Paulinas*, p. 53.

^{lxxxix} *Ibid.*, p. 16.

^{xc} *Basiléia* quer dizer Reino de Deus (=dos céus).

^{xci} *Perspectivas Paulinas*, p. 16..

^{xcii} *Ibid.*, p. 60.

^{xciii} *Ibid*, idem.

^{xciv} *Carta aos Romanos*, Karl Barth, São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003, p. 56.

^{xcv} Estou fazendo uma analogia ao salto o qual o homem pula de uma altura considerável preso por meio de um elástico ao local do qual ele realizou o salto, esse esporte é conhecido como Bang Jump.

^{xcvi} *Carta aos Romanos*, p. 59.

^{xcvii} Os ídólatras são como os judeus.

^{xcviii} Veja também Mt 4,12-22; Lc 4.14,15; 5.1-11; Jo 1.35-42.

^{xcix} *Evangelização é Comunicação*, p. 32.

^c Jim Wallis, *The Call to Conversion: Recovering the Gospel for the These Times* (San Francisco: Harper & Row, 1982), p. 34.

^{ci} *Discipulado*, p. 24.

